

# Correio das Artes

Suplemento  
literário do  
Jornal A União

Novembro - 2019  
Ano LXX - Nº 9  
R\$ 6,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00

## Cinema é resistência

AO MESMO TEMPO QUE CELEBRA OS 100 ANOS DO AUDIOVISUAL PARAIBANO,  
FEST ARUANDA REFLETE A SÉTIMA ARTE NO BRASIL DE HOJE



# GIRA mundo



NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estudante, visa proporcionar aos alunos matriculados na segunda série do ensino médio, no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

## Os destinos do Gira-mundo



2010

50 estudantes - Canadá  
3 professores - Canadá  
20 professores - Finlândia

2017

50 estudantes - Canadá  
25 estudantes - Espanha  
25 estudantes - Portugal  
55 Professores - Finlândia

### Próximo destino:

100 estudantes - Canadá  
50 estudantes - Espanha  
25 estudantes - Portugal  
25 estudantes - Argentina  
80 professores - Finlândia  
20 professores - Israel



## Dois marcos do cinema paraibano

Foi através de cinejornais, bravamente produzidos, em João Pessoa, por Walfredo Rodriguez (1893-1973), que a Paraíba passou a ter um produto audiovisual para chamar de seu. Corria 1919 quando Rodriguez, recém-chegado das salas de cinema do Rio de Janeiro, resolveu fazer as revistas eletrônicas que eram exibidas pelo projetor do Cine Rio Branco, no coração da Capital paraibana.

O centenário da iniciativa pioneira não passou despercebido pelo professor Lúcio Vilar, ele próprio outro incansável pioneiro, idealizador e organizador do mais longo festival de cinema da Paraíba, o Fest Aruanda, que este ano chega a sua 14ª edição.

O **Correio das Artes**, portanto, celebra, a um só tempo, esses dois marcos, pautado pela importância histórica do primeiro e social do segundo. Afinal, o Aruanda representa, nesta edição em particular, um oásis de resistência cultural em um ano que o Brasil assistiu, perplexo, a apatia do Gover-

**Nas páginas desta edição, um compêndio importante que reúne a fortuna histórica de uma produção que nasce na programação do Aruanda.**

no Federal em relação ao setor.

Em contrapartida, 2019 foi o grande ano do cinema brasileira, com um volume de produções relevantes que tem sido aplaudidas, até agora, dentro e fora do Brasil. Como bem colocou o crítico Amilton Piniheiro, um dos curadores do Fest Aruanda, no texto da pá-

gina 7, o festival espelha esse momento dicotômico do País.

Seguem-se ao texto de Amilton, ensaios, críticas e depoimentos, assinados por diferentes críticos e cineastas, de várias partes do país, sobre os filmes que compõem a linha dorsal do Aruanda. É um compêndio importante, não só como um “mapa” para situar o espectador de cinema, mas por reunir uma fortuna histórica – até mais que crítica – de uma produção que nasce na programação do Aruanda.

É o caso de *Giocondo Dias: Ilustre Clandestino*, que terá sua primeira exibição pública no festival e que, aqui, o próprio Vladimir Carvalho compartilha um preciso relato de bastidor.

E cada texto, ou pelo menos boa parte deles, acompanha o trailer do filme em questão. Portanto, tenha seu celular em mãos, uma boa conexão com a internet e boa leitura.

O Editor  
andrecananea2@gmail.com

## índice



### PRIMEIRA PESSOA

Maria de Fátima de Barros Neves conta à Sérgio de Castro Pinto um pouco da sua trajetória na poesia que parte de Olinda para o mundo.



### POESIA

‘Apareceu a Margarida’: Amador Ribeiro Neto está de volta às páginas do **Correio das Artes** com a coluna ‘Festas Semióticas’.



### CONTO

A escritora carioca Denise Emmer está de volta ao **Correio das Artes** com um novo conto, que integra seu primeiro livro no gênero.



### MÚSICA

Paraibana Socorro Lira se debruça sobre a poética da maranhense Maria Firmina dos Reis em seu novo disco, ‘Cantos à Beira-Mar’.



OUVIDORIA:  
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes  
DIRETORA DE RÁDIO E TV

*Correio das Artes*  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Phelipe Caldas  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

André Cananéa  
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

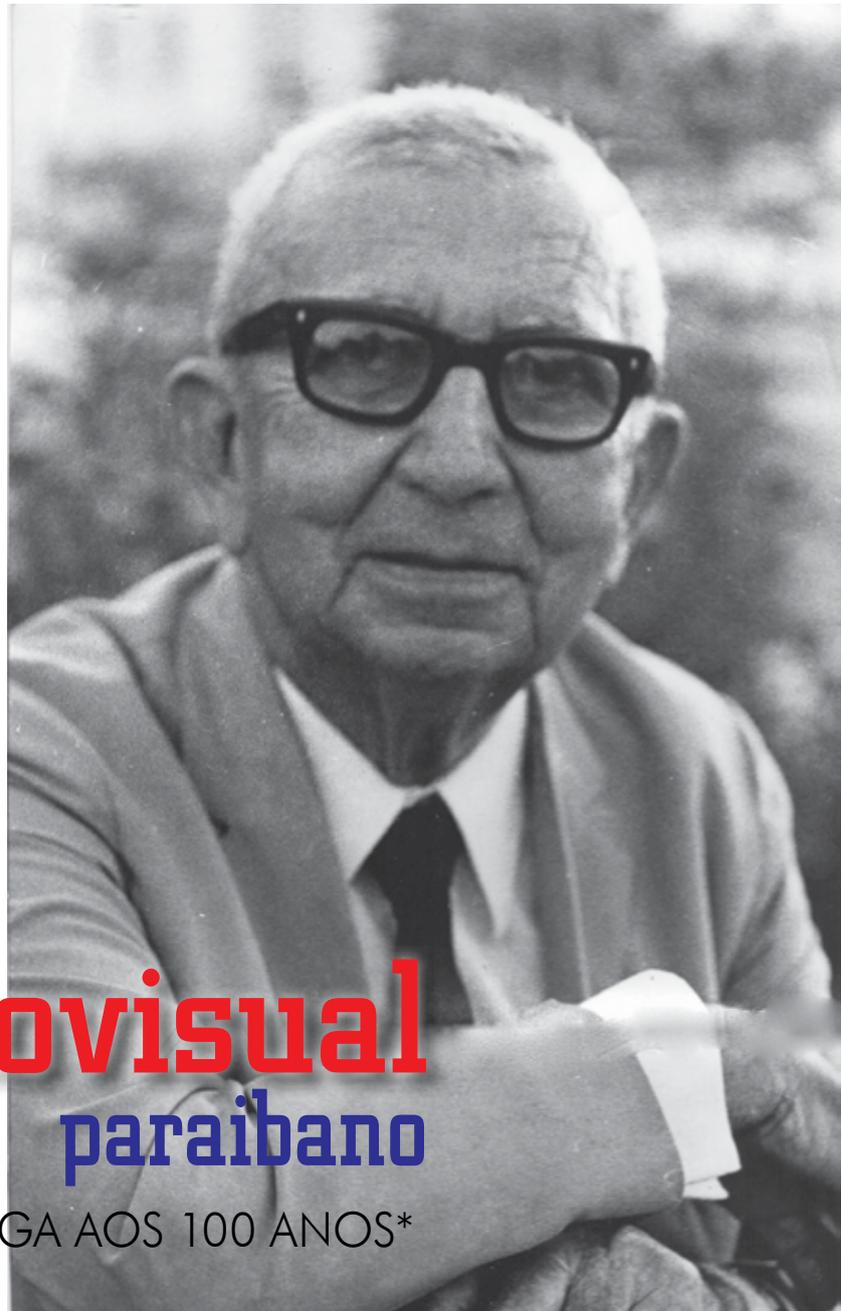
Paulo Sérgio de Azevedo  
DIAGRAMAÇÃO



FOTO: ROBERTO GUEDES



*Lúcio Vilar,  
professor e  
idealizador do  
Fest Aruanda*



# O audiovisual paraibano

CHEGA AOS 100 ANOS\*

**André Cananéa**

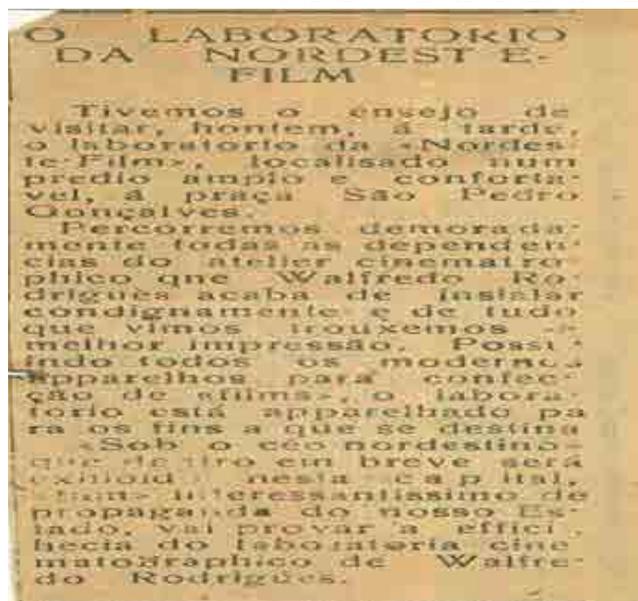
Editor do *Correio das Artes*

**R**ecém chegado do Rio de Janeiro, o cineasta Walfredo Rodriguez (1893-1973) passou a produzir, na Paraíba, cinejornais que eram exibidos nas salas locais de cinema, como o Cine Rio Branco, localizado no Ponto de Cem Réis, bem no coração de João Pessoa, antes das atrações principais.

Corria 1919 e nascia, naquele ano, o primeiro audiovisual genuinamente paraibano. “As atividades cinematográficas, na Paraíba, são iniciativas dele, Walfredo, em 1919 através da produção >

*Vindo do Rio de Janeiro, Walfredo Rodriguez produziu, em 1919, cinejornais que eram exibidos no Cine Rio Branco, em João Pessoa: nascia o primeiro audiovisual genuinamente paraibano*

(\*) Este texto contém trechos do capítulo da tese ‘O Primeiro Cineasta: Cinema Silencioso na Paraíba – Marco Zero de Uma Cinematografia Fundada no Real’ – no contexto do cinema brasileiro dos anos 1920, do professor Lúcio Vilar, defendida em 2014 através do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP).



Recorte do jornal *A União de cem anos atrás* descreve a *Nordeste Film*, estabelecida no Centro de João Pessoa

► de cines-jornais. Era uma espécie de revista, que trazia atualidades, política etc. Infelizmente, não sobrou nada desse material”, detalha o professor Lúcio Vilar, cuja a tese de doutorado se debruça sobre essa história.

Não por acaso, Vilar, que é o idealizador e organizador Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, cuja 14ª edição vai homenagear esse marco do cinema paraibano (veja mais nas próximas páginas).

De acordo com a tese do professor Lúcio Vilar, a organização da produção de cinejornais, sob a direção de Walfredo Rodriguez, vai guardar evidentes semelhanças com as experiências que conheceu, *in loco*, no Rio de Janeiro, e que serviram de modelo e inspiração para os demais ciclos regionais, ocorridos nas décadas de 1910/1920. Se na capital do país, Walfredo Rodriguez foi *foto-cinematografista* da *Federal Films* (era desta forma que preferia ser chamado), na Parahyba do Norte vai instituir a *Nordeste Film*.

A empresa teve como sede comercial um “prédio amplo e confortável à praça São Pedro Gonçalves”, centro histórico da Capital, conforme notícia o jornal *A União* em visita que seu repórter fez ao local e cujo registro jornalístico foi localizado entre os pertences de Walfredo Rodriguez, guardados com seus familiares.

Ainda que não tenha data da publicação, o recorte se presta à

comprovação da existência do empreendimento e, por seu teor, ao tratar do filme *Sob o Céu Nordeste* (ainda por ser lançado), é razoável apontar que tenha sido publicado entre 1924-1928, período da referida produção cinematográfica.

É a reportagem de Vladimir Carvalho, para o jornal *Correio da Paraíba* (1967), quem lança luzes mais amplas sobre o período em que se deu essa experiência pioneira, além de dissipar dúvidas sobre a possível data da primeira viagem de Walfredo Rodriguez ao Rio de Janeiro, questão já esmiuçada e esclarecida. “De todo modo, a criação do Cinejornal vai se constituir

efetivamente nas primeiras práticas audiovisuais paraibanas de impacto sobre o público dos cinemas locais, que o assistia antes da película principal”, assinala Vilar, no texto da tese.

“Ora”, prossegue o texto, “se em 1919, de acordo com a reportagem de Vladimir Carvalho, ele tem constituído sua empresa (*Nordeste Film*), iniciando a veiculação de seu *Filme-Jornal do Brasil* no cine Rio Branco, uma das salas mais prestigiadas pelo público da capital, é razoável supor que sua primeira viagem ao Rio de Janeiro para se associar à equipe de Antonio Barradas, da *Federal Films*, possa ter ocorrido entre 1916-1919, conforme havia especulado o cineasta Machado Bittencourt, o que quanto a isso não parece pairar mais dúvidas. Como também não há precisão sobre o tempo em que permaneceu na capital do País, fato é que, para retornar com competência para se estabelecer, sozinho, de um a dois anos deve ter demandado para absorver os procedimentos e rudimentos técnicos (de filmagem, revelação e montagem). Não se descarta, todavia, a possibilidade de o processo ter-se dado em mais de uma viagem, Walfredo Rodriguez tinha parentes no Rio de Janeiro onde se hospedou algumas vezes.

“A perda total desse material

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Uma das salas mais prestigiadas de João Pessoa, o *Cine Rio Branco* ficava localizado no Ponto de Cem Réis



*Cena de 'Carnaval Paraibano e Pernambucano', com imagens que Walfredo Rodriguez viria a captar ainda nos anos 1920*

- ▶ – não há nem fragmentos de fotogramas, como é o caso de *Sob o Céu Nordestino/Carnaval Paraibano e Pernambucano e Reminiscências de 30* – reflete fielmente a gravíssima estatística das perdas das imagens em movimento (de posados e naturais) da primeira metade do século 20 no país”.

“A maior dificuldade, portanto, de estudar e pesquisar sobre a experiência dos cinejornais no Brasil está em provar que foram produzidos e exibidos um dia (através de pesquisa em jornais e outros registros de época), uma vez que as películas há muito deixaram de ter existência física na maioria dos casos. Exceção para o arquivo da *Cinegráfica Leopoldis-Som*, de Porto Alegre<sup>1</sup>, entre outros poucos casos a contar com materiais preservados, mesmo que em fragmentos”.

A experiência paraibana com cinejornais irá conduzir o *primeiro cineasta* ao primeiro de uma série de desencantos que viria a sentir, ônus normalmente difícil de descolar de quem encampa o espírito do pioneirismo em quaisquer terrenos da atividade humana, particularmente em uma época onde não faltavam dificuldades e precariedades generalizadas.

“Atente-se ao fato de que,

**“Atente-se ao fato de que, após cerca de duas dezenas de cinejornais produzidos, Walfredo Rodriguez teria encerrado a experiência em razão da inviabilidade financeira”**

após cerca de duas dezenas de cinejornais produzidos, Walfredo Rodriguez teria encerrado a experiência em razão da inviabilidade financeira, o que se coloca como outro fator incomum na época em cidades como Rio e São Paulo, assim como em ou-

tros ciclos espalhados pelo Brasil, cujos cinejornais revelaram-se atividades extremamente lucrativas junto a comerciantes, fazendeiros e governos”.

O texto segue: “Com recursos do próprio bolso e contando com episódicos apoios oficiais, a decisão de interromper não demorou, de maneira que, em 1923, decide documentar os carnavais da Parahyba do Norte e do Recife, para fundir as imagens em um único filme de longa-metragem, que se chamaria *Carnaval Paraibano e Pernambucano* (ou *Carnaval Nordestino*), chegando a ser exibido em Recife, Salvador e Rio de Janeiro (no Cine Pathé, da avenida Rio Branco), segundo reportagem de Vladimir Carvalho para o jornal paraibano”.

Diz um trecho da reportagem, publicada em 1967: “ (...) esse filme propiciou um estilo próprio ao repórter cinematográfico e desvendou-lhe o gosto por uma experiência mais séria. Daí em diante partira para o documentário propriamente dito, gênero de que é o iniciador na Paraíba e talvez no Nordeste”.

Realinham-se, desta forma, os créditos devidos ao primeiro filme de longa-metragem (*Carnaval Paraibano e Pernambucano*), precedido que foi pelos cinejornais, configurando-se nestes a *primeira idade* da cinematografia paraibana. Eis o que ratifica a natureza e o caráter das práticas inaugurais, umbilicalmente filiadas ao gênero documental, uma singularidade na tradição e no contexto do Cinema Silencioso brasileiro dos anos vinte, já inclinado, em larga escala, à produção de filmes *posados*.

Um viés, enfim, que se transformará em vertente a expressar muito mais que uma *preferência*, mas, a própria gênese de uma cinematografia do real na contemporaneidade, deflagrada por Walfredo Rodriguez, retomada a partir de *Aruanda*, e ainda hoje ecoando através de câmeras digitais empunhadas por jovens cineastas paraibanos. ✖

<sup>1</sup> Ver artigo PÓVOAS, Glênio Nicola. Observações sobre o cinejornal silencioso *Atualidades Gaúchas*, produzido por Leopoldis. In: PAIVA, Samuel; SCHVARZMAN, Sheila (Orgs.). *Viagem ao cinema silencioso do Brasil*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.



Aponte seu smartphone para o QR Code ao lado e confira a programação do 14º Fest Aruanda, mas páginas seguintes, os QR Codes levam aos trailers dos respectivos filmes

# A vocação do cinema brasileiro

**Amilton Pinheiro**

Especial para o *Correio das Artes*

A palavra “vocação” vem do latim *vocare*, que significa chamamento, a predestinação que alguém tem para seguir um caminho, uma jornada, trabalhar em algo em que acredita. No ano em que o cinema brasileiro brilhou no exterior, com reconhecimento de crítica e prêmios, no Brasil, no entanto, ele foi duramente perseguido e sabotado pelo atual governo federal de extrema direita, com ataques aos artistas, aos profissionais que trabalham no setor e cerceamento dos mecanismos de financiamento público dos filmes.

Diante dessa dicotomia, o cinema brasileiro e seus profissionais não recuaram do chamamento, da vocação, da predestinação de continuar mostrando o País na sua complexidade e contradições. E como um verdadeiro “exército de Brancaleone”, os filmes selecionados para 14ª edição do Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro na Mostra Competitiva, abertura e encerramento, se espelham e se revelam sobre esse Brasil fraturado socialmente e alquebrado politicamente. Como disse, numa entrevista, o produtor e fotógrafo Luiz Carlos Barreto, o Barretão: “O Brasil daria um filme de terror ou uma chanchada”.

O filme de abertura, *Alguém Tem Que Ouvir o Coração*, e *Dizer: Parou*, de Bárbara Paz (veja na pág. 13), premiado no Festival de Veneza, não é somente um retrato poético da obra do diretor Hector Babenco, que morreu em 2016, é também o legado do cineasta que revelou as contradições sociais do país em filmes como *Pixote*, *a Lei do*

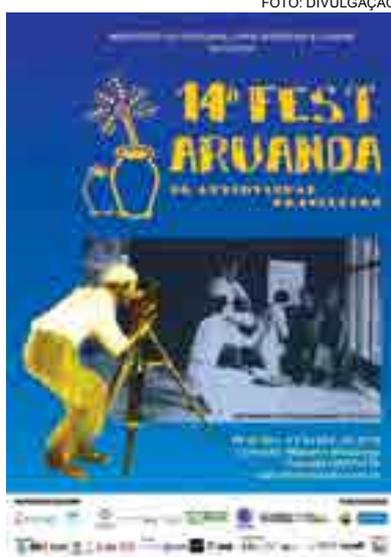


FOTO: DIVULGAÇÃO

*Mais Fraco* e *Lúcio Flávio*, o *Passageiro da Agonia*.

Dos cinco filmes da Mostra Competitiva do Aruanda, dois documentários e duas ficções são testemunhos dos flagelos sociais e políticos recentes, que nos arrasam para a descrença, a desesperança e a violência. Mas sem nunca perder a vocação de lutar por uma sociedade mais justa e mais afetuosa. São retratos de homens e mulheres, reais ou ficcionais, que não temem o contraditório, as utopias e as batalhas, sejam pessoais ou coletivas.

Os documentários *Indianara*, de Aude Chevalier-Beaumel e Marcelo Barbosa (pág. 17), e *Partida*, de Caco Ciocler, se debruçam sobre duas personagens femininas; a ativista trans Indianare Siqueira, que luta por moradias dignas para travestis, as trans e prostitutas no Rio de Janeiro, e a atriz Georgette

Fadel, que decide embarcar num ônibus junto com uma equipe de cinema, para dar um abraço no ex-presidente do Uruguai, e atual senador, José Mujica, no final de 2018, depois da eleição do presidente Jair Bolsonaro. São personalidades fortes, contraditórias e solitárias, que defendem suas convicções e vocações com unhas e dentes.

Os dois filmes ficcionais *Pacificado*, de Paxton Winters (pág. 20), vencedor de três prêmios no Festival de San Sebastián, inclusive melhor longa, e o paraibano *Desvio*, de Arthur Lins (pág. 19), mostram a violência cotidiana na vida das pessoas, seja de uma “família” no Morro dos Prazeres, ou de detento que recebe um indulto de Natal para visitar sua família em Patos, alto sertão da Paraíba. São filmes que redimem seus personagens de julgamentos moralistas, revelando retratos complexos e realistas de suas condutas.

É desse cinema brasileiro de memória, de conquistas e de luta para continuar existindo, que trata o documentário *Barretão*, de Marcelo Santiago (pág. 16), que narra afetosamente a trajetória do maior produtor de cinema do país, Luiz Carlos Barreto, que junto com sua esposa, Lucy Barreto, produziram mais de 80 filmes, entre eles *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *Bye Bye, Brasil* e *Memórias do Cárcere*. Em um ano de inanição do cinema brasileiro, as memórias e o legado de Barretão funcionam como antidoto contra tudo isso.

E “Para não dizer que não falei das flores”, o Fest Aruanda se encerra com *O Barato de Iacanga*, de Thiago Mattar (pág. 15), documentário que recupera a história das quatro edições do Festival de Águas Claras, no interior de São Paulo, entre 1975 a 1984, a versão brasileira de Woodstock. Com raríssimas imagens de arquivo dos shows dos artistas da Música Popular Brasileira, o documentário revela muito do que foram os anos de chumbo da ditadura militar, com cerceamento de liberdades e da violência da polícia política brasileira.

Filmes que mostram que entre as vocações do nosso cinema, uma é especial. No meio da brutalidade e da loucura de existir, há espaço para afetos.

**Amilton Pinheiro** é crítico de cinema e curador do Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro.



# Porque Giocondo Dias



FOTO: DIVULGAÇÃO

*Cartaz do novo filme de Vladimir Carvalho, 'Giocondo Dias: Ilustre Clandestino', que terá sua primeira exibição pública durante o 14º Fest Arauanda*

**Vladimir Carvalho**

Especial para o *Correio das Artes*

**M**eu pai recebia o capa preta do Partido que desembarcava à noitinha do trem da Great Western, na estação de Itabaiana, naqueles remotos tempos dos anos de 1940. Aquele ou outro camarada, à sombra da clandestinidade, estava sempre de passagem e trazia a orientação do comitê central às bases espalhadas pelo país afora. Não raro, trazia também um livro que emprestava ao dirigente local, literatura que ia de textos doutrinários a obras de ficção enaltecendo heróis do povo. O volume era devolvido pontualmente no outro dia, no regresso do enviado. Esse expediente exigia certa disciplina e, mesmo sendo leitor voraz, meu velho varava a noite em claro, lendo sem parar à luz de candeeiro, pois o cansado “motor da luz”, engenhoca da municipalidade, estancava logo cedo deixando a cidade às escuras.

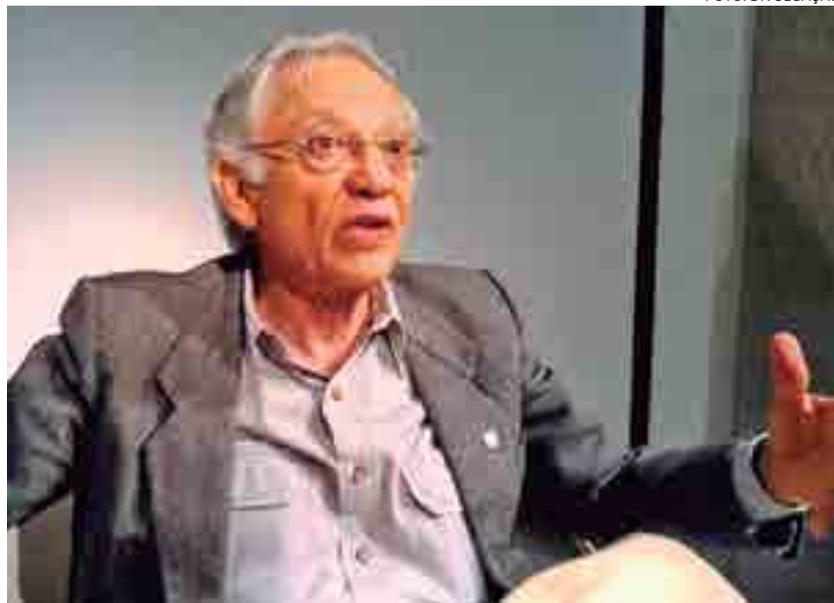
Apesar dessa sua militância, Luís Martins de Carvalho – o mestre Lula, como era conhecido – sabia ser discreto e moderado num ambiente em que imperava o baronato da terra, o mesmo que anos adiante fuzilaria o líder camponês João Pedro Teixeira e, por pouco, não tirou a vida de Assis Lemos em covarde atentado na sede das Ligas, em Itabaiana. Este respondia no Nordeste pelo mais bem orientado movimento camponês do país, em notória discordância com Francisco Julião, que brandia o falacioso chamamento “reforma agrária na lei ou na marra”. Entre minhas lembranças também ficou marcado o brutal assassinato do prefeito José Silveira, abatido a tiros à vista de todos por uma espécie de príncipe herdeiro da oligarquia da Várzea do Paraíba. O frio assas-

sino, homem feito, fora meu colega no jardim de infância!

Foi nesse clima que me alfabetizei tentando decifrar os quadernos de Brick Bradford, publicados no suplemento dominical do Jornal do Comércio, do Recife, e soletrando trechos do Menino de Engenho, de Zé Lins do Rego, que meu pai lia para nós depois da ceia. Era um tempo de guerra na Europa e um dia assistimos à despedida de um trem lotado de pracinhas que iam lutar na Itália. Houve choro e banda de música na estação. No Rio de Janeiro, Prestes estava preso sob o tacão da ditadura Vargas. Jorge Amado contaria tudo depois nos seus Subterrâneos da Liberdade.

Passado o tempo, com a vitória dos aliados sobre o nazismo e o regresso da FEB (vide Rubem Braga), mestre Lula explicou-me o que acontecia e as mudanças que se prenunciavam com a redemocratização e a queda da ditadura no Brasil, com a subsequente libertação de Prestes e a volta à legalidade do Partido. Até mesmo o significado do meu nome ele me explicou como sendo uma sua homenagem ao grande Lenine.

Vieram as eleições e os comunistas obtiveram estrondosa vo-



*Depois de abordar os romeiros de Nossa Senhora da Guia, José Lins do Rêgo e até a cena de rock de Brasília nos anos 1980, chegou a vez de Vladimir se debruçar sobre o ex-secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, Giocondo Dias*

tação, Prestes surfando na onda era eleito senador e deputado. Meu pai exultava porque fora eleito vereador em Itabaiana! Um ledo hiato tão glorioso quanto breve. Porque em seguida aconteceu o inevitável, obra do governo reacionário do marechal Dutra: a cassação, em 1947, do Partido e de todos os comunistas legitimamente eleitos.

Fomos então viver na capital, onde meu pai, homem dos sete instrumentos, montou moderna serraria de olho no boom imobiliário em que esquadrinhas de madeira era o insumo mais procurado. Fiz o exame de admissão e cursava a primeira série no velho Liceu, e um dia, inocente de tudo, subi no ponto mais alto do vetusto educandário e – para desespero de meu pai – lasquei em garrafais de piche um eloquente, mas perigoso, LIBERDADE PARA PRESTES! Sabedor da minha bravata, meu pai aplicou-me longo sermão e proibiu-me de sair à rua por vários dias.

Enfim, tudo me veio por essa via paterna. Mesmo depois de nos deixar, vítima de crônica cardiopatia, no ardor de seus 39 anos de idade, sintonizado com o mundo e com sua aldeia, ainda hoje Mestre Lula me sopra nos ouvidos ideias e até decisões, como se fora uma “entidade”, uma voz do além. Foram esses “sopros”, eivados, diga-se de passagem, de “materialismo histórico”, que me levaram à militância do Partido no final dos

anos de 1950, na fase em que este já repudiava a solução pela “luta armada” e, vejam, Giocondo Dias pontificava no semanário Novos Rumos (São Paulo) do qual eu era correspondente na Paraíba. Depois é que vieram minha fase “baiana”, O Cabra Marcado para Morrer, o golpe militar e o meu insignificante exílio no Rio de Janeiro por quase uma década.

Aqui saio pela tangente: tudo isso tem e não tem a ver com o filme sobre Giocondo (*Giocondo Dias: O Ilustre Clandestino*). É puro subjetivismo que não transparece a não ser em imperceptíveis entrelinhas. Não vou dar aqui nenhuma pala, perdão, *spoiler* do meu filme, mesmo porque seria laborar em causa própria. Deixo a tarefa à crítica cinematográfica e aos resenhadores de plantão, sempre com o respeito e a admiração que eles me merecem. ✦

**Vladimir Carvalho** é cineasta, documentarista e professor. Dirigiu mais de duas dúzias de filmes, entre eles *'Romeiros da Guia'* (1962), *'O País de São Saruê'* (1971), *'O Homem de Areia'* (1982), *'Conterrâneos Velhos de Guerra'* (1991), *'Barra 68'*, *'O Engenho de Zé Lins'* (2006) e *'Rock Brasília - Era de Ouro'* (2011). Nasceu em Itabaiana (PB) em janeiro de 1935 e está radicado há 30 anos em Brasília (DF).



## Soldados da Borracha:

UM FILME NECESSÁRIO E URGENTE

**Bertand Lira**

Especial para o *Correio das Artes*



que torna um documentário interessante? Desde o seu surgimento enquanto gênero, em 1922, com o aclamado *Nanook, o Esquimó*, de Robert Flaherty, ainda no domínio do cinema não sonoro, o documentário já começa inovando. Nesta obra pioneira, Flaherty organiza sua narrativa fundada numa estrutura dramática peculiar a uma obra de ficção, com conflito e clímax. E até mesmo o uso da encenação. Na mesma década, surge um subgênero do filme de não-ficção, o documen- ➤



*Documentário 'Soldados da Borracha' integra a mostra 'Sob o Céu Nordeste': longa foi premiado pela Associação Brasileira de Documentaristas de São Paulo*

▶ tário “poético” no contexto das vanguardas européias. *A Ponte*, um curta-metragem do holandês Joris Ivens, é um precursor dessa abordagem.

Desde os anos 1920, o documentário só passará por inovações estilísticas com o advento do som sincrônico à tomada, que vai acontecer no final dos anos 1950, quando o realizador dará voz aos sujeitos de sua narrativa, uma abordagem tão cara ao cinema direto (antes, *cinéma vérité*) do grupo francês de documentaristas Jean Rouch e Louis Comolli, entre outros. Com essa conquista, o documentário se tornou tão verborrágico, a partir dos anos 1960, ao ponto de alguns realizadores buscarem novas estratégias de registro do real. Mesmo assim, o documentário chamado interativo/participativo, fundado no

encontro entre diretor e sujeitos filmados, continua um estilo ainda dominante de realização no documentário contemporâneo.

Não é diferente com *Soldados da Borracha*, documentário de Wolney Oliveira, cineasta cearense com formação nos *Ateliers Varan* criado por Jean Rouch em diversas partes do mundo, inclusive em Fortaleza e João Pessoa, e

na Escuela Internacional de Cine y Televisión de Santo António de los Baños (Cuba). O longa-metragem de 79min teve estreia mundial no festival *É tudo Verdade*, onde recebeu o Prêmio de Melhor Documentário da Associação Brasileira de Documentaristas de São Paulo e, depois, foi exibido, fora de competição, no 29º Cine Ceará Ibéro-americano de Cinema em Fortaleza (de 30 de agosto a 06 de setembro deste ano).

*Soldados da Borracha* traz à luz um acontecimento trágico e pouco conhecido da nossa história, predominantemente seletiva, que por muito tempo não deu voz aos derrotados. Trata-se de um episódio dos anos 1940, durante a Segunda Grande Guerra, quando muitos nordestinos, sobretudo, enganados pela propaganda de Getúlio Vargas, foram enviados à Amazônia para a extração do látex, produto essencial para o poderio bélico norte-americano e seus aliados durante o conflito.

Foram cerca de 60 mil brasileiros enviados para essa aventura na Amazônia com o propósito de suprir a borracha, outrora fornecida pela Malásia, mas à época sob o domínio japonês, a matéria-prima para a fabricação de uma miríade de produtos vitais ao governo norte-americano, em particular, naquele contexto bélico. Um acordo selado entre o presidente Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas determinou o trágico destino desses heróis anônimos.

Assinando a direção, roteiro e direção de produção, Wolney Oliveira tem no currículo os longas *Milagre em Juazeiro* (1999), *A Ilha da Morte* (2005) e *Os Últimos Cangaceiros* (2011), além de diversos curtas-metragens. A partir de uma longa pesquisa, iniciada em 2004, quando teve contato pela primeira vez com o tema, Wolney realizou, naquele mesmo ano, o média-metragem *Borracha para a Vitória*, e, 12 anos depois, em parceria com Marcos Vinícius Neves, publicou o livro *Soldados da Borracha: Os Heróis Esquecidos*.

A própria realização do longa-metragem é uma saga. Iniciada em 2012, com filmagens em diversas partes do país, oito estados ao todo, o filme foi finalizado este ano trazendo material iconográfico riquíssimo e raro – Wolney contou com a parceria dos pes-

► quisadores Carla Siqueira e Antônio Venâncio. Houve tempo para incluir na sua história a tramitação da “PEC dos Soldados da Borracha” que redundou na forma injusta como foram tratados os sobreviventes com uma indenização irrisória, sem pensão vitalícia ou quaisquer outros direitos.

Com sua narrativa estruturada

em depoimentos dos que sobreviveram ao triste episódio (foram mais de 30 mil mortos), esclarecimentos de historiadores e uma vasta quantidade de imagens de arquivo, *Soldados da Borracha* não se diferencia por sua estética (digamos, convencional), no entanto, tem forte apelo emocional no conteúdo, orquestrado por uma

montagem ágil, das falas de seus “soldados” (às vezes trágico-cômicas) que sofreram as agruras de um trabalho escravo e o exílio no seu próprio país. Ecos de uma guerra distante, o filme torna-se necessário e urgente, sobretudo num contexto de tanto retrocesso nos direitos humanos no Brasil da era Bolsonaro. ❖

**Bertrand Lira** é fotógrafo, videasta e professor (Decom/UFPB). É diretor de 'O Seu Amor de Volta - Mesmo Que Ele Não Queira', 'A Poeira dos Pequenos Segredos' e 'O Rebelião'.



# Jackson Vs Glenn

**João Batista**

Especial para o *Correio das Artes*

**N**a minha lista imaginária de preferências musicais misturo brasileiros e americanos numa boa: Luiz Gonzaga, The Platters, Lupicínio Rodrigues, Ella Fitzgerald, Jackson no Pandeiro, Glenn Miller... e por aí vai...

Jackson no Pandeiro e Glenn Miller? Pois qual não foi a minha surpresa ao constatar que o nosso ritmista de Alagoa Grande era um ouvinte admirador dos arranjos do maestro e compositor americano. O meu “par” estava longe de ser gratuito e fiquei sabendo desse dado ao assistir ao belo documentário *Jackson – na Batida do Pandeiro* (2019), de Marcus Vilar e Cacá Teixeira. Dado enfatizado pelo maestro Carlos Anísio no debate sobre o filme.

Tudo bem, as relações culturais e musicais entre Brasil e Estados Unidos estariam, mais tarde, no irônico “Chiclete com banana” de Jackson, mas nada como ter em mãos o dado biográfico de um caso mais remoto e bem específico: Jackson vs Glenn.

Saí do cinema catando as semelhanças entre

os dois itens do meu par e não demorei a encontrar. O “Moonlight Serenade” de Miller podia ser lento demais para ter a ver com o nosso ritmista maior, mas em compensação o swing desbragado de composições como “Pensylvania 6-5000”, “Chatanooga choo choo”, “Tuxedo Junction” e outras mais, iniludivelmente, amarrava esse “par” da minha lista imaginária. E, convenhamos, à parte o meu interesse pessoal pelo caso, ele só faz apontar a enorme envergadura do nosso pandeirista paraibano.

Mas não foi só isso que o documentário em questão me trouxe. Trouxe-me – a mim e à plateia ►



▶ que lotou o Cine Banguê na noite de 27 de julho - a vida e a obra de um dos maiores talentos que a Paraíba já deu ao mundo. E o fez em grande estilo.

Começando pelo fim, o filme nos arrasta na ambulância pelas ruas de Brasília para um hospital onde vai agonizar o nosso herói. Quando a câmera, ao som da sirene atordoante da ambulância, penetra o túnel escuro, oportunamente corta-se para uma paisagem física e humana bem diversa, aquela onde tudo começou.

E aí, o espectador vai acompanhar a trajetória de José Gomes Filho, depois Jack, e finalmente, Jackson do Pandeiro. Primeiro, Alagoa Grande, depois Campina Grande, João Pessoa, Rio de Janeiro, e finalmente, Brasília.

Primeiro, o coco de roda, os cabarés, os palcos das rádios, e finalmente, os grandes estúdios e o estrondoso sucesso de público e de crítica. Isso para não falar das participações nas Chanchadas da época.

Além de mitos da MPB, parentes, amigos e especialistas da área dão depoimentos esclarecedores sobre Jackson, porém, um longo e impagável depoimento quem dá é o próprio Jackson, tão autêntico e tão de perto que até parece ter sido gravado especialmente para o filme.

Resultado de pesquisa exaustiva de muitos anos, o filme faz justiça estética à grandeza do biografado e, com ou sem coincidência, chega no momento oportuno de seu centenário.

Abri esta matéria de modo pessoal e não resisto em fechá-la do mesmo modo.

Se coloquei Jackson do Pandeiro na minha lista imaginária de preferidos, não preciso mais dizer o quanto sua música foi marcante para mim. Nas rádios da infância eu o ouvia com frequência - a propósito, tanto quanto ouvia Glenn Miller - e, sem querer, solfejava baixinho, sempre com vontade de dançar, o que só não fazia impedido pelo medo de ser ridicularizado.

Enfim, fosse eu dançarino, acho que um pé seria de Jackson do Pandeiro, o outro de Glenn Miller. E daria tudo incrivelmente certo. Agora eu sei disso, e tenho provas. ◀

**João Batista** é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



# Campos de Concentração

DOS VELHOS NOVOS TEMPOS

**Filippo Pitanga**

Especial para o *Correio das Artes*

“C

urrais, de Sabina Colares e David Aguiar, é um filme sobre campos de concentração no Ceará existentes até 1932, levando milhares de “flagelados” para trabalhos forçados e escravos em troca de comida estragada, quando sequer os alimentavam, relegados para morrer em massa e ainda ter de cavar a própria cova... E pior, estes mesmos campos de concentração podem estar voltando na contemporaneidade em uma inversão cruel dos tempos.

A obra é um misto de documentário com reencenação poética dos fatos através de artistas profissionais como Rômulo Braga (*Elon Não*

*Acredita na Morte e Navios de Terra*) e Zezita Matos (*A História da Eternidade e Mãe e Filha*), além da voz de Everaldo Pontes (*Batguano, Deserto*). É preciso de plano ressaltar igualmente a fotografia de Petrus Cariry (*O Barco, Clarisse ou Alguma Coisa Sobre Nós Dois*) que consegue empregar o tom lírico graças aos contornos naturais do Ceará, num horizonte de montanhas e construções abandonadas em deserto escaldante, como contraste entre a história monstruosa de um genocídio e a sobrevivência de um povo contra todas as adversidades.

Mas é sobre as reencenações que precisamos nos debruçar, visto que o vigor de fato do filme está na busca de seus fatos reais, com impacto inegável dentre imagens de arquivo, fotos e recortes de jornais raros ante a quantidade de coisa que se perdeu (ou se deixou perder por vontade das autoridades). O fato é que os artistas profissionais eram necessários devido a todos os envolvidos na tragédia já estarem mortos, salvo exceção de uma única sobrevivente que até ▶

▶ aparece no filme. Já o restante interpreta relatos — como a esplendorosa Zezita Matos, que consegue imprimir um registro tão natural que quase nos faz embarcar em ter sido acometida também pela tragédia relatada. — Ponto alto do filme.

A questão é que nem todas as interpretações dão certo. Não por falta de valor cênico, mas por inserções que não contribuem necessariamente com a veracidade. O que de início começa com uma ficção paralela ao documental, focada apenas na investigação do personagem de Rômulo Braga (bastante seguro no papel), vai transbordando na inserção de outras pessoas como entrevistadores extras, começando a

espargir um pouco o foco dramático. O encontro da linguagem documental com a parte ficcional em alguns destaques muito positivos, como o relato das casas mal assombradas, passa a abraçar a performance artística mais escancarada, e estas transições podiam ter sido atenuadas na montagem final, quando a história verídica já conecta as pessoas por si só.

É necessário ressaltar que o retromencionado Petrus Cariry advém de uma pegada do gênero horror psicológico, e algo desta linguagem é impressa aqui. A história em si já é sufocante, porém decerto alguns momentos mais imateriais e o contato de luz e sombras nas locações

vazias, em conjunto com a trilha, são muito úteis na imersão. Isto auxilia a imprimir dignidade aos personagens que não podem deixar de honrar o Ceará pelo próprio fato de terem sobrevivido. Suas existências são dignas e não se encerram ou se reduzem à tragédia de suas histórias.

Afinal, a magnitude de um relato destes, perante o registro de uma lembrança denunciativa que muito brasileiro desconhece, continua sendo imprescindível e muito maior do que esta crítica poderia tentar englobar. Ainda mais em tempos que perigam regressar a iniciativas genocidas de higienização forçada dos problemas da sociedade como esta. ◀



Filippo Pitanga é advogado, jornalista, escritor e crítico de cinema. Membro e Conselheiro Administrativo da ACCRJ (Associação de Críticos de Cinema do RJ). Editor-chefe do site Almanaque Virtual - UOL.

FOTO: DIVULGAÇÃO



# Memórias de um exilado

*Babenco - Alguém Tem que Ouvir o Coração e Dizer: Parou' é o filme de abertura do festival, que deverá receber a diretora, Bárbara Paz*

**Luiz Carlos Zanin**

Especial para o *Correio das Artes*

**S** em qualquer pieguice, Bárbara Paz acompanhou o processo de morte de seu marido, o cineasta Hector Babenco (1946-2016) em *Babenco - Alguém Tem que Ouvir o Coração e Dizer: Parou*. O filme é uma beleza e foi premiado no Festival de Veneza como melhor documentário sobre cinema.

Porque é isso, filme sobre os últimos tempos de Babenco, na luta contra o câncer que acabou por levá-lo, e uma espécie de retrospectiva amorosa de toda a trajetória do diretor argentino radicado há muitíssimos anos no Brasil. Babenco, aliás, à sua maneira desabrida, sempre dizia (e diz no filme) que se sentia um

exilado. Os argentinos o consideravam brasileiro, os brasileiros o tinham como argentino. E assim seguiu a vida. Meio outsider, pouco ligado a grupos, chamando-se de anarquista e dizendo o que pensava, mesmo que isso desagradasse as pessoas.

Fez aqui, e em outros países, seu cinema de muita qualidade: *Pixote, Brincando nos Campos do Senhor, Ironweed, Lúcio Flávio* ▶

► - *Passageiro da Agonia, Carandiru, Coração Iluminado*, até chegar ao último, *O Amigo Hindu*, em que ele, e a própria doença, são os personagens principais.

Bárbara consegue estabelecer uma unidade fotográfica de grande efeito, fazendo tudo em preto e branco, das cenas domésticas, e algumas em hospitais e clínicas, até as dos próprios filmes de Babenco, mesmo que estes sejam, na origem, em cores.

Há esse refinamento, que é acompanhado pela sutileza da montagem, qualidades que fazem do filme esse perfil amoroso, que não deixa de lado o rigor. Imagino que fosse dessa maneira mesmo que Héctor Babenco gostaria de ser retratado. O filme é um ato de amor. E o amor não precisa, como costuma se dizer, ser cego, surdo ou burro. Pode ser rigoroso também.

No começo desse texto disse o

filme acompanhava um processo de morte. Mas ele é, de fato, um filme sobre a vida, e de como ela é bela e preciosa. Talvez sua sequência mais bonita seja aquela em que Bárbara dança 'Singin' in The Rain' na filmagem para *O Amigo Hindu*, sob a vista do seu marido, no melhor momento de sua despedida. Mas há também um desfecho inusitado, filmado num país distante, ideia que sai de um chiste do próprio Babenco. Emocionante. ◀

**Luiz Zanin Oricchio** é crítico de cinema e autor do blog Cinema, Cultura & Afins do Jornal O Estadão de SP. É autor de *Cinema de Novo: Um Balanço Crítico da Retomada* (Estação Liberdade), de *Guilherme de A. Prado: Um Cineasta Cinéfilo e Fome de Bola* (esses dois, pela Coleção Aplauso da Imprensa Oficial). Mora em São Paulo.



# Fé e leveza em Frei Damião

**Luiz Joaquim**

Especial para o *Correio das Artes*

**C**om *Frei Damião, o Santo do Nordeste* fica clara a evolução da cineasta Deby Brenand. Retratar qualquer homem nunca é tarefa fácil. Retratar mártires é ainda mais delicado. Deby resolveu o seu filme de maneira elegante com, talvez, um ou outro excesso de informações na tela das diversas regiões que visitou, considerando a origem italiana do capuchinho cinebiografado. Nada, entretanto, que truncasse a fluidez da narrativa.

Há também alguns tesouros no filme, que são bem aproveitados. Um deles são diversas imagens raras de suas infinitas missões no Nordeste nos anos 1960. O material captado por Otacílio Cartaxo e Machado Bitencourt, deveria tornar-se um documentário que nunca foi realizado até Deby retomá-los. Há ainda imagens em VHS feitas até os anos 1990, que ganham um tratamento fantasmagórico, bonito, comovente, quando embalados ►

FOTO: DIVULGAÇÃO



*Frei Damião, o Santo do Nordeste' utiliza imagens raras que o cineasta Machado Bitencourt fez das missões do religioso pelo interior da Paraíba, entre outros Estados*

▶ pela trilha-sonora de Piero Bianchi. Da essência do longa-metragem devemos extrair a essência de seu protagonista, e o filme de Deby nos permite isso.

A pesquisa feita pela cineasta e sua equipe ficou impressa na película, com partes funda-

mentais da vida do frei contempladas aqui. Mais do que isso, Deby conseguiu mostrar que, santo ou não, Pio Gianotti (nome de batismo de Frei Damião) era um ser humano de fé e devoção fora do ordinário, tendo a humildade e a simplicidade como

balizadores para seu ofício. E seu ofício era servir de alívio ao povo, aos pobres. Independente da religião, concordaremos, não há nada mais nobre do que isto. E Frei Damião, o Santo do Nordeste nos reforça, belamente, essa verdade. ✦

**Luiz Joaquim** é vice-presidente da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), é coordenador do Bacharelado em Cinema e Audiovisual das Faculdades Integradas Barros Melo - Aeso (Olinda). Leciona na pós-graduação, lato sensu, "Estudos Cinematográficos", da Universidade Católica de Pernambuco. Foi coordenador e curador, por 16 anos (2001 a 2017), do Cinema da Fundação Joaquim Nabuco (Recife). É jornalista, mestre em comunicação pela UFPE, com foco na crítica de cultura, e atuou como crítico de cinema para a Folha de Pernambuco por 12 anos (2004 a 2016), e para o Jornal do Commercio (Recife) entre os anos de 1997 e 2001.



# Entre o sonho e a repressão

**Jotabê Medeiros**

Especial para o *Correio das Artes*

**T**odo mundo sabia que estava indo para uma roubada. Não tinha onde dormir, o que comer, tirolesa, nem hambúrguer congelado. Mas, como ninguém ali estava em busca de chão firme, o Festival de Águas Claras foi uma espécie de ticket para uma viagem eterna e irrepetível. O que era para ser apenas um churrasco de fazenda virou o maior evento contracultural de que o país tem memória. Na verdade, não tinha memória, mas agora tem. *O Barato de Jacanga*, documentário de Thiago Mattar que o festival *É Tudo Verdade* exibiu, é a definitiva crônica da epopéia pop nacional. Conta a história das quatro edições do festival, o nosso Woodstock, realizado na Fazenda Santa Virgínia, a 380 quilômetros de São Paulo, em 1975 (para 60 mil), 1981 (100 mil), 1983 (70 mil) e 1984 (100 mil).

Não se trata apenas de um documentário precioso pelo que resgata de inédito em termos de registro (*footage* de Novos Baianos, João Gilberto, Raul Seixas, Egberto Gismonti, Hermeto Pascoal). ▶

FOTO: DIVULGAÇÃO



*O documentário 'O Barato de Jacanga' é o filme que vai encerrar o Fest Aruanda 2019, longa retrata as quatro edições do festival de Águas Claras, entre 1975 e 1984, uma espécie de Woodstock brasileiro*

▶ Também não é uma pérola só por evocar o trabalho e as personalidades de Luiz Carlos Maciel, Pena Schmidt e outros pioneiros. É importante, principalmente, pelo que evidencia do mecanismo perverso de combate às liberdades. Em 1975, Geisel repousava mão de ferro sobre o país. Nesse clima de supressão de democracia, um fotógrafo pericial chamado Miguel Angelo tornar-se a chave da compreensão do que estava em jogo. Foi incumbido pela polícia política de se infiltrar entre os “hippies” e registrar flagrantes da “bacanal” para fundamentar a censura da ditadura militar. Os organizadores desconfiam que ele montou fotografias. Localizado no filme, Angelo fala, em plena era bolsonarista, bem à vontade no papel de dedo-duro. “Bons tempos. Saudades da linha dura”. Sim, sabemos onde essa “saudade” está nos levando.

“Águas Claras representava uma época, o anseio do jovem de



FOTO: DIVULGAÇÃO

“Águas Claras representava uma época, o anseio do jovem de falar, se reunir e comunicar”, afirma um dos organizadores do festival retratado no documentário

falar, se reunir, se comunicar”, conta Antonio Cecchin Jr., o Leivinha, organizador dos festivais, em entrevista a Carta Capital. Conforme evoluía, dava-se conta de que o mundo que conhecia estava em franco processo de desaparecimento. No começo, todos vieram de Fusca, a pé, de ônibus, muito antes de a juventude se tornar uma banda numa propaganda de refrigerante. Um aviãozinho descia com os artistas num terreno de café – de noite, a família Cecchim acendia os isqueiros para iluminar a “pista”.

Na última edição, Leivinha foi a Bauru buscar linguíça de helicóptero – o helicóptero desceu dentro do estádio. Na última edição, já havia furtos nas barracas, o clima de paz tinha dado lugar a um estranho desencanto. Leivinha hoje vive refugiado na beira do paredão da Chapada dos Guimarães, bem longe do antigo sonho. Um ano depois do último festival de Águas Claras, surgiu o Rock in Rio. ▶

Jotabê Medeiros, Carta Capital. É jornalista e crítico, autor de livros, como da biografia Raul Seixas Não Diga Que a Canção Está Perdida (Todavia, 2019).



# Barretão

## tem muitas histórias para contar

**Maria do Rosário Caetano**  
Especial para o *Correio das Artes*

**H**ouve suspense (e atraso) durante o lançamento nacional de *Barretão*, longa documental de Marcelo Santiago. O filme, que narra a trajetória do produtor de *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e diretor de fotografia de *Vidas Secas* e *Terra em Transe*, teve sua première na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. ▶



FOTO: DIVULGAÇÃO

Luiz Carlos Barreto dirigiu filmes como *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e fotografou *Terra em Transe*, de Glauber Rocha: *Barretão* narra a história dele

▶ Barretão realmente não compareceu, mas o filme narrou sua longa história com as imagens, primeiro como fotógrafo dos Diários Associados, em especial da revista O Cruzeiro, depois como corroteirista de *Assalto ao Trem Pagador* (Roberto Farias, 1962), e diretor de fotografia de *Vidas Secas* (Nélson Pereira dos Santos, 1963) e *Terra em Transe* (Glauber Rocha, 1967). E, finalmente, como produtor ou coprodutor de mais de 80 filmes, dois deles indicados ao Oscar de melhor produção estrangeira (*O Quatrilho*, de Fábio Barreto, e *O que É Isto, Companheiro?*, de Bruno, ambos na década de 1990).

O longa documental de Marcelo Santiago sedimenta-se em longa entrevista realizada, em 2015, pelo jornalista e cineasta Geneton Moraes Neto (1956-2016) e fotografada por Walter Carvalho. Geneton e Santiago escreveram, juntos, o roteiro do filme. A ideia era mostrar o longo percurso do produtor e diretor de fotografia a partir dele mesmo, sem ouvir dezenas de depoimentos e, assim, construir um “talking head” (“cabeças falantes”). No debate, Santiago contou que tinha em mãos material para rea-

lizar “três longas documentais com a mesma duração de *Barretão* (85 minutos)”. Afinal, grande narrador, Barreto tem muitas histórias para contar. E sabe contá-las. “Geneton” – destacou Santiago – “nos disse que poderíamos contar parte da história de todos os presidentes do Brasil, de Getúlio Vargas até hoje, a partir de narrativas de Barreto, pois como jornalista e produtor, ele viveu intensamente a história política e cultural brasileira”.

Sobre Luiz Inácio Lula da Silva, de quem Barretão produziu a cinebiografia *Lula, o Filho do Brasil*, o relato é social e político. O produtor defende o presidente de origem operária recorrendo a metáfora que pediu emprestada a um articulista norte-americano. O analista escreveu que “um vidro embaçado separara abissalmente a elite das camadas populares brasileiras” e que “Lula seria o pano molhado que diminuiria tal embaçamento”. Frente às conturbações de 2015, data da entrevista de Barreto a

Geneton, o produtor defende as duas gestões de Lula e lamenta que “a Petrobras, conquista brasileira, que custou o suicídio de Vargas, esteja, junto com outras grandes empresas nacionais, sob ameaça”. Para concluir: “se donos de empreiteiras, grandes empresas brasileiras, erraram, que a punição seja a eles e não a tais empresas, essenciais ao desenvolvimento do país”.

O Cinema Novo, aliás, é tema de muitas lembranças de Barretão. Ele dedica espaço especial a três dos cineastas que partiram cedo: Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade e Leon Hirszman. “Perder os três tão cedo” – comenta, recorrendo a metáfora futebolística –, “foi como perder, se isto tivesse acontecido, ao mesmo tempo, Pelé, Garrincha e Didi”. Barreto evoca, também, Nelson Pereira dos Santos, com quem retomaria a vitoriosa parceria de “Vidas Secas” em outra adaptação de Graciliano Ramos (*Memórias do Cárcere*, 1984). ◀

**Maria do Rosário Caetano** é jornalista, crítica de cinema. Integra a redação da Revista de Cinema e é autora dos perfis de Marlene Franca, Fernando Meirelles e João Batista de Andrade para a Coleção Aplauso. Organizou os livros ‘Festival 40 anos: A Hora e a Vez do Filme Brasileiro’ e ‘DocTV: Operação de Rede’



*Ativista transvestigenero, Indianara Siqueira é a personagem central do documentário 'Indianara'*

# 'Indianara'

**Pablo Villaça**

Especial para o *Correio das Artes*

**I**ndianara começa com o fim de uma vida. Enterrada em um caixão barato em uma sepultura sem lápide, depois de um cortejo seguido por meia



FOTO: DIVULGAÇÃO

dúzia de pessoas, uma travesti morta num ato de transfobia se torna parte das chocantes estatísticas de crimes de ódio contra a comunidade LGBT no Brasil, onde nada menos do que 320 pessoas foram assassinadas em função de sua identidade de gênero ou orientação sexual apenas em 2018. Dizendo algumas poucas palavras tristes e cansadas de despedida, a ativista transvestigenera (trans e travesti) Indianara Siqueira ocupará, nos 84 minutos seguintes, o centro deste excepcional documentário co-dirigido pelo brasileiro Marcelo Barbosa e pela francesa Aude Chevalier-Beaumel.

Líder conhecida no Rio de Janeiro por sua retórica afiada e modos combativos, a personagem-título logo aparece em um dos espaços-chave da narrativa: a Casa Nem, que, sem cobrar um centavo, abriga pessoas LGBTI (o “i” é de “intersexuais”) que se encontravam em situação de rua e descobrem, ali, um ambiente seguro no qual são amparadas não só com comida, mas afeto e orientação (em certo momento, por exemplo, vemos duas travestis tendo aulas de alfabetização).

Movendo sua câmera com liberdade pela casa de passagem, os cineastas contrapõem a humildade do lugar, com seus cômodos ocupados por beliches que quase batem no teto, à alegria e à confraternização que ali acontecem, como danças de festa junina, reuniões para discutir ações coletivas e marchas em defesa do direito ao aborto (numa pauta solidária às mulheres) e contra o “governo” golpista de Temer e as tentativas constantes de restringir os direitos LGBT. Infelizmente, provando como a transfobia é algo impregnado na própria arquitetura social, não é só a Direita que surge como obstáculo às causas da comunidade: filia-



FOTO: DIVULGAÇÃO

*Longa revela que Indianara e as companheiras contavam com o apoio irrestrito de Marielle Franco, que surge brevemente no filme em um protesto contra o hoje ex-presidente Temer*

da ao PSOL, Indianara passa a encontrar resistência dentro do partido, que, usando uma disputa ligada à ocupação da Casa Nem (que, aliás, não tinha relação alguma com a sigla), indefere a candidatura a deputada federal da ativista, que, inconformada, vai a um comício organizado para os outros nomes em disputa e, com uma caixa de som própria, denuncia o abuso (desde então, ela foi formalmente expulsa do partido, mas o documentário foi finalizado antes que isso acontecesse).

Por outro lado, ao longo da projeção fica evidente como Indianara e as companheiras contavam com o apoio irrestrito de ao menos uma psolista de renome: a vereadora Marielle Franco, que surge brevemente em um protesto contra Temer e, mais tarde, defendendo com veemência o respeito aos direitos previstos em lei que deveriam se aplicar às pessoas LGBT, mas, na prática, raramente funcionam de fato.

O que acontece com Marielle, como não poderia deixar de ser, é enfocado pelo longa como um imenso baque à protagonista e às suas companheiras - um choque ressaltado pela montagem de Quentin

Delaroche, que subitamente revela o cordão policial ao redor do carro perfurado de balas logo depois de um momento de leveza no casamento de Indianara e seu companheiro Maurício, como se buscasse nos lembrar dos riscos constantes enfrentados por aquelas pessoas.

É por esta razão que um documentário como *Indianara* – e a *Arte* de modo geral – é tão fundamental e ameaça tanto os poderosos: ao ver o horror daquelas pessoas, nenhum espectador com o mínimo de empatia será capaz de ignorar a realidade que vivem; ler posts de desabafo em redes sociais, notícias em portais ou estatísticas de violência jamais se igualariam em força ao simples ato de ver as expressões de terror em seus rostos e ouvir o tremor de suas vozes. ❖

**Pablo Villaça**, 18 de setembro de 1974, é um crítico cinematográfico brasileiro. É editor do site *Cinema em Cena*, que criou em 1997, o mais antigo site de cinema no Brasil. Trabalha analisando filmes desde 1994 e colaborou em periódicos nacionais como *MovieStar*, *Sci-Fi News*, *Sci-Fi Cinema*, *Replicante* e *SET*. Também é professor de Linguagem e Crítica Cinematográficas.



**Pedro Henrique Ferreira**  
Especial para o *Correio das Artes*

**H**á poucos elementos que expliquem as razões que levaram Pedro à cadeia. A morte de um companheiro de banda, um acidente no passado, dentre outros detalhes apenas entrevistados. Na sua estrutura formal, *Desvio* revela seu personagem através daqueles que ele reencontra – por relações de espelhamento (vitrines, imagens, reflexos do ego), pelo Outro – de modo que a força das cenas está frequentemente no contraplano do olhar sombriamente do protagonista diante do que enxerga: o ex-companheiro que agora trabalha como administrador na empresa do pai, o amigo na lanchonete, a cena punk da cidade, etc. – por rejeição ou afirmação do que vê é que sabemos o seu estado de espírito.

Há um rico esforço de constituição de planos amplos, sem dinâmica, o traçado das linhas mais retas, um ritmo cadenciado e uma forma mais estática de dispor corpos no espaço – peso assentadas ao chão, nas muretas ou reclinadas sobre

## Contraplano

as paredes, cansadas ou à espera de algo. É como *Desvio* persegue um acorde melancólico, refletindo um marasmo como o de *Oslo, 31 de Agosto* – deste também herda sua organização narrativa, aproveitando-se dos reencontros como método para justificar a reincidência, indo do hiato ao trauma novamente. Há uma vontade de escapismo somada à constatação que não há formas possíveis de se inventar as novas maneiras de viver com que sonhara na juventude, e a certeza que a experiência da vida em meio aos padrões do capitalismo é a de um grande rolo compressor que faz qualquer revolução nos modos de existir definharem. Neste sentido, *Desvio* é menos um filme punk e mais um filme sobre a nostalgia do punk.

Mas haverá um duplo privilegiado: Pâmela, a prima mais jovem, envolvida, no presente, com a cena regional do hardcore. É por ela que sabemos que Pedro é uma espécie de ícone local, como o motoqueiro destemido de *Rumble Fish* ou o skatista de *This Ain't California*, figura que inspira os mais jovens por sua potência de ▶

FOTO: DIVULGAÇÃO

*'Desvio': o que torna o filme de Arthur Lins um corpo estranho no atual panorama brasileiro é que há nele um misto de nostalgia e niilismo, um derrotismo quase trágico como diapasão, uma constatação de que, não importa muito a esperança na causa ou a disposição de leva-la aos extremos, há algo de impiedoso no mundo*

› transgressão. No mundo familiar taciturno à sua volta, é nela que Pedro encontra pontos de contato; representa uma nova geração desmembrada, quase que extensão da sua (embora hajam diferenças e opacidades). Existem duas temporalidades diferentes – o niilismo de um projeto esgotado do passado, e um presente que o simula, ainda sob a égide da esperança e devaneios. A energia e presença de Pâmela se contrapõe à dureza física de Pedro, pois a fase embrionária da revolta é sempre mais afirmativa, alegre e plena que sua velhice.

A imagem síntese de *Desvio* é a do contraplano geral do açude, bonito, silencioso, e evocativo. “Olha para o mundo e grita que você tá aqui”, diz ele. Mas o açude não reage, suas palavras se perdem ao léu. O que torna *Desvio* um corpo estranho no atual panorama brasileiro é que há nele um misto de nostalgia e niilismo, um derrotismo quase trágico como diapasão, uma constatação de que, não importa muito a esperança na causa ou a disposição de leva-la aos extremos, há algo de impiedoso no mundo, que o torna um triturador de subjetividades

– sentimentos tão atípicos em momentos que o cinema vem evocando afirmação, resistência e furor como apostas nos possíveis modos de sobrevivência ao novo momento político. Aqui, assistimos à constatação convicta de que este reconhecimento dificilmente virá, que há algo de inexorável no tempo e que tudo vai se conformando aos poucos, como a imobilidade do lago que reserva a potência de existência destes dois personagens, não à sociedade (lá fora o vazio; aqui dentro, o caos), mas ao singelo encontro de pares. ✦

**Pedro Henrique Ferreira** é crítico, curador, diretor, roteirista e produtor de cinema. Formou-se pela PUC-RIO e concluiu o mestrado pela UFJF. Foi curador das retrospectivas “Miklos Jancsó - a dança da utopia”, “Paisagens do Rio de Janeiro: a poética de David Neves”, “O Faroeste Vermelho” e “Imaginários Cariocas”. É sócio-fundador da Dilúvio Produções. Dirigiu o longa-metragem universitário *Mergulho* e os curtas-metragens *Anotações em Novembro*, *Walter* e *Solombra*.



# Pacificado

**Robledo Milani**

Especial para o *Correio das Artes*

**C**hega a ser curioso se deparar com um filme como *Pacificado*, ambientado quase que por completo em uma das mais populosas favelas do Rio de Janeiro, cenário tradicionalmente protagonizado por personagens masculinos quando levado para a ficção, e perceber que suas figuras centrais são mulheres. Por mais que Jaca, interpretado com gigantesca dignidade por Bukassa Kabengele (*Carandiru*, 2003), acabe surgindo como centro das atenções, estão nelas que o circundam as verdadeiras condutoras dessa trama construída sobre linhas muito tênues, tão delicadas quanto as que separam tais comunidades do resto da cidade. A confusão pode surgir a qualquer momento, e se perder, sem chance de retorno, era um peri-

go vivo e constante. Mesmo assim, o diretor norte-americano Paxton Winters fez de seu longa um estudo de caso dos mais interessantes, seja pelo olhar íntimo que propõe a respeito dos moradores deste universo, como também pelo cuidadoso desenrolar dos acontecimentos que os envolvem.

Rei morto, rei posto. Jaca já foi o nome mais poderoso do Morro dos Prazeres. Era quem mandava e desmandava, quem determinava a vida e a morte daqueles que não cumpriam as regras por ele, e pelos com ele alinhados, estabelecidas. Mas o Brasil, e nesse caso, o Rio de Janeiro, mudou muito desde que o antigo chefe foi preso, quatorze anos atrás. As Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) estabelecidas pelo governo estadual tomaram conta das favelas, com o objetivo de garantir a segurança dos moradores – e de milhares

► de turistas, é claro – durante as realizações da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Como se vê, a notícia de sua soltura foi recebida com entusiasmo por aqueles que ainda se lembravam dos tempos em que mandava. Mas teria ele ainda o mesmo ânimo?

É o que espera descobrir, mais do que qualquer outra pessoa, a jovem Tati (a revelação Cassia Gil), filha de Andrea (Debora Nascimento, irreconhecível). A garota acredita nos rumores que afirmam ser ela filha do traficante. Com uma mãe cada vez mais entregue às drogas, encontra na esperança por esse pai que não conhece a possibilidade de uma vida melhor. Quer ser menina, mas também anseia por ser vista como adulta. Winters, que assina o roteiro ao lado de Joseph Carter e Wellington Magalhães, não se apressa em dar respostas fáceis. Deixa que o próprio andar dos dias ofereça a ela as respostas que procura. Ali, é cada um por si, num constante embate entre desistir e seguir adiante.

Há um certo fetichismo inegável sobre o olhar estrangeiro a respeito de problemas e condições tão típicos dos brasileiros. Porém, ao contrário do que se pode observar em *Trash: A Esperança Vem do Lixo* (2014), por exemplo, a visão apresen-



Cassia Gil em 'Pacificado', de Paxton Winters: Tati embarca em uma jornada para reconhecer o pai e ter uma vida melhor

tada em *Pacificado* denota uma proximidade e um contato com a realidade muito mais factível. Os anseios dessa menina, as decepções da velha senhora, as transgressões da melhor amiga, o triste fim da mulher que não consegue andar com as próprias pernas. São vidas que, de uma forma ou de outra, apenas aparentam algo, quando, na verdade, queriam muito mais. Por isso mesmo, será justamente naquela mais jovem, a que mais busca por mudanças, onde as apostas recairão. Será quem terá que mostrar a todos os demais que tal confiança não era vã. Ela é tanto a chave como

o segredo, de que algo maior pode vir, assim como pode também se perder num breve piscar de olhos, caso cada passo não seja dado no seu devido lugar. É o novo tomando conta do velho, sem substituir nem eliminar, apenas encontrando o seu espaço de direito. ◀

**Robledo Milani** é crítico de cinema, presidente da ACCIRS - Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Sul (gestão 2016-2018), e membro fundador da ABRACCINE - Associação Brasileira de Críticos de Cinema, já atuou na televisão, jornal, rádio, revista e internet. Participou como autor dos livros *Contos da Oficina 34* (2005) e *100 Melhores Filmes Brasileiros* (2016). Criador e editor-chefe do portal *Papo de Cinema*.



'O que os olhos não veem...'  
mas meus olhos viram...

**Vania Perazzo Barbosa Hlebarova**  
Especial para o *Correio das Artes*

Muito difícil falar sobre um filme que se produziu e realizou, tendo acompanhado o processo desde sua inscrição no Edital da Funjope/FSA/Ancine/BRDE... Orçamento, cronogramas, objetivo geral e objetivos específicos, metas, sinopse, formulários, etc., etc. Tudo permeado por problemas da vida familiar, cirurgias, ►



*'O Que os Olhos Não Veem' traz um misto Commedia dell'Arte com circo mambembe: 'Está no filme para aqueles que desejarem fazer uma segunda leitura. Ou mesmo, primeira. Fellini bate forte no meu coração', avisa a diretora*

- ▶ fisioterapias, doença grave e mortes de pessoas a mim tão próximas.

Bom, meus olhos viram o projeto se transforma em filme, cuja equipe me ajudou a sair da solidão e dar forma àquelas duas mulheres em meio a uma sociedade com resquícios patriarcais na qual estão mergulhadas, portanto não veem. Verão?

O painel de Flávio Tavares – “NO REINADO DE SOL” -, na introdução do filme, caracteriza a origem do que a maioria dos olhos não veem ou não querem ver. Ou como diz Leonard Cohen na canção “Everybody knows” – TODO MUNDO SABE!

A opção pelo misto de Commedia dell'Arte com circo mambembe é bem pessoal, e está no filme para aqueles que desejarem fazer uma segunda leitura. Ou mesmo, primeira. Fellini bate forte no meu coração. Influência?

O roteiro teve trechos modificados muitas vezes, para desespero do Produtor Executivo (Gian). Modificado até nas locações para suplantat obstáculos. Locação? A maioria, escolhida a dedo, mas e os obstáculos? Improvisa-se.

E as nuvens cobrindo o sol, ou o sol descambando horizonte abaixo para exasperar o Diretor de Fotografia (João Carlos) e sua equipe... E os ruídos? Carros sem acordo, tráfego - com acordo oficial, escavadeiras - filmem 10 minutos que trabalhamos 10, artesão de cobre (tem-tem-tem) – sem acordo, música de um

cabaré às 10 horas da matina! -sem acordo, cigarras na pracinha cantando e meu método de gritar “cala a boca!” funcionando, tudo para perturbar os ouvidos sensíveis dos Diretores de Som (Guga e depois, Jacky). E a chuva torrencial fazendo a equipe de elétrica correr para desligar todo o aparato montado noite adentro? Depois, muita pizza para celebrar. E a realizadora – ou seja, eu – querendo que o mundo parasse em função do filme!

E OS FIGURANTES? Que amor pelo cinema!

E os gestos simpáticos da equipe de plateau distribuindo paçoquinha, os cafés da manhã simpáticos organizados por Cristhine e companhia, a alegria de Pablito – eletricista, ator ou qualquer coisa quando necessário fosse? E todos, todos que não estão citados aqui e, por favor, leiam os créditos.

Depois a montagem com Ely, tudo fluindo num consenso, as músicas interpretadas por Rdagundis Feitosa, ao trombone, e Maria Teresa Madeira, ao piano. Radegundis, não sei de que forma esteve conosco, para arrepios e vibrações. Leiam os créditos! Espero que a rabeca de Aglaia Costa não os deixem partir antes. Tudo isso, os olhos de vocês, espectadores, não viram. Mas no caso do meu companheiro Ivan, a quem dedico o filme, o provérbio mudou: o que os olhos não vêem nunca mais, o coração não para de sentir. ♥

Vânia Perazzo Barbosa Hlebarova é professora e cineasta, diretora de 'Por 30 Dinheiros' e 'O Que os Olhos Não Veem', este na Mostra Competitiva Sob o Céu Nordestino, do 14º Fest Aruanda

◆ primeira pessoa



*Maria de Fátima de Barros Neves narra, nestas páginas, como chegou à poesia e como conheceu os poetas paraibanos, quando de sua passagem pela UFPB*

MARIA DE FÁTIMA DE BARROS NEVES

# Poesia que vai de Olinda a João Pessoa

*Depoimento a  
Sergio de Castro Pinto*

## Retrato

*voltar ao quintal,  
ao álbum de retratos,  
provar fruto e semente.*

*entre vielas e relatos,  
a vida no varal:  
solo ao sol poente.*

**M**eu primeiro encontro com as rimas se deu através de histórias infantis que, como muitas crianças, escutava antes de dormir. Tantas vezes ouvi tais narrativas que ainda lembro alguns versos. Sabia também, de cor, quadras populares que recitava nas festas do grupo escolar onde minha mãe lecionava. Eu era bem pequena, deveria ter entre qua-

tro a cinco anos, e a timidez ainda não me dominara. Gostava de subir ao palco, me dirigir à plateia e ouvir os aplausos após os últimos versos. Minha mãe ficava atrás da cortina e me soprava as palavras iniciais das estrofes que eu esquecia.

Aprendi o alfabeto e as sílabas com minha tia Isabel que morava conosco. Brincávamos com letras vermelhas, talhadas em cubos de madeira. Sentávamos no chão da sala para formar e desfazer palavras. Quando finalmente fui para o Imaculado Coração de Maria, aos sete anos, já sabia ler e escrever algumas palavras. Na escola, o convívio com as colegas se mostrou difícil. Filha única, eu desconhecía as brincadeiras, as cantigas de roda e não soube me integrar ao grupo formado nas séries iniciais. Lembro-me da ▶



Ao chegar do colégio, após o almoço, minha tia me orientava nas tarefas escolares e depois me deixava brincar descalça no quintal. Ao final da tarde, já de banho tomado, roupa impecável e sandálias franciscanas, eu ficava na janela a olhar a campina. Morávamos em Olinda, defronte de uma vacaria e eu gostava de ver os animais que pastavam em torno da casa, como descrevo em 'canção melancólica':

*no afago  
de teu olhar,  
a água cristalina  
da lembrança.  
tardes  
com chuva fina,  
bois  
encharcados de frio,  
poças  
turvas de lama.  
a grama úmida  
da campina,  
manhãs silenciosas  
em cinza.  
e a menina  
de longas tranças  
à sombra fértil  
das cortinas.  
na neblina  
do teu mar,  
toda tristeza  
da infância.*

- ▶ menina de cabelos longos e uniforme no espelho do quarto: a saia azul com suspensório, a blusa de gola com botões, os sapatos pretos apertados; lembranças revisitadas em *Certa Poesia* (2013) no poema 'lição de casa':

*mão firme, olhar severo,  
a mãe lhe fazia tranças.*

*era a farda da escola  
plissada com esmero.*

*a menina com ar triste  
em laço de fita branca.*

*o espelho do toucador  
sabia de cor a infância.*

Certo dia, após perambular sozinha meses e meses na hora do recreio, ousei subir uma enorme escadaria no salão à entrada do colégio. Lá ficava a biblioteca. Dava-se logo com um balcão de madeira que cercava uma sala aos fundos, repleta de estantes com livros. Mais à frente, via-se uma grande escrivaninha com papéis, fichas e arquivos. À direita, era a sala de leitura com mesas e cadeiras ao centro e bancos de madeira ao longo das paredes. A mobília pesada, escura e a pouca claridade filtrada pela janela estreita davam à biblioteca um ar austero que se misturava ao cheiro de mofo e umidade. Vencido o receio de solicitar um livro pela primeira vez, passei a ir à biblioteca todos os dias no intervalo do recreio. A maioria dos livros infantis era em preto e branco, com desenhos simples; uns poucos traziam ilustrações coloridas, cada uma de uma só cor. Mas a biblioteca que realmente me fascinava era a do grupo escolar onde minha mãe lecionava. A sala de leitura era ampla, clara, arejada. Lá havia livros grandes e coloridos, com papel brilhante, em que animais, carruagens e jardins ocupavam páginas inteiras. Gostava de passar tardes a fio a tocar, a ler e a sentir o cheiro daqueles livros novos, encadernados em capa grossa, com detalhes dourados.

Nessa época, meu pai estava sempre ausente a trabalhar. ▶

- Certa vez, inesperadamente, fomos ao Parque da Preguiça em Olinda: andei descalça, tomei sorvete. Foi uma tarde sem proibições a despeito das repetidas crises de asma que justificavam os cuidados excessivos de minha mãe. Em outra ocasião, num dia nublado, em que soprava um vento frio e o mar estava cinzento, meu pai me levou à praia. A lembrança de tal momento me fez escrever *'única manhã'*. Agrade-me o caráter semiótico desse poema de *Tempo de Estio* (2016), cujos versos breves e minimalistas traduzem uma experiência efêmera e singular:

*se cai  
chuva fina  
e mansa,*

*no colo  
do pai,  
a menina,*

*de blusa  
vermelha  
e trança,*

*vai à praia  
em dolo  
e infância.*

Na adolescência, graças ainda à biblioteca da escola, li praticamente todos os livros de Érico Veríssimo, um após o outro: *Clarissa*, *Música ao Longe*, *Caminhos Cruzados*, *O Resto é Silêncio...* Os títulos já me escapam. Em casa, não havia livros, pois julgava-se que uma vez lidos, os livros não serviam mais. Era dinheiro jogado fora. Também não se ouvia música, e a televisão, ligada apenas à noite, era para os adultos. Logo após o jantar, eu deveria ir dormir, mas assim que me via sozinha no quarto, acendia o abajur e lia até pegar no sono. Minha tia vinha mais tarde apagar a luz. Meu pai, que era comerciante e não tinha tempo a perder com os livros, por vezes, abria a porta e reclamava: "Ainda vais dar cabo de tua vista!"



Pouco a pouco, li Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães. Só mais tarde, por volta dos 13 anos, comecei a ler poemas de Castro Alves, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo. Mas foi com Cecília Meireles, Drummond, Ledo Ivo, Mário Quintana, João Cabral e Bandeira que aprendi verdadeiramente a amar a poesia.

A seguir, lembro de ter lido *Os Lusíadas* e *A Divina Comédia* sem compreender lá grande coisa. Já não havia, portanto, muitas opções de leitura na tal biblioteca da escola. Talvez por isso eu tenha começado a escrever para matar o tempo na hora do recreio. Escrevi certa vez sobre uma vendedora que vi na feira do domingo: "Na barraca, saltitavam / os legumes, as verduras, as frutas / e os olhos amendoados. // O vermelho claro / de maçãs e tomates / nos lábios da morena / de braços cruzados".

Na época, não ia mais à biblioteca, preferia uma horta estreita e sossegada no oitão da escola. Ali podia ficar sozinha, sentada no chão, à sombra das árvores que beiravam o muro, longe das chacotas dos colegas. Só os alunos mais velhos se interessavam

em ir por lá, mas esses não me conheciam. Deveria apenas ficar atenta ao sino que marcava o fim do recreio. Outras vezes, escrevia na capela da escola, que era bem arejada e onde o silêncio me permitia saborear as palavras. Esses versos iniciais, feitos de impressões e sentimentos, são meros registros da adolescência.

Em casa, comprava-se aos domingos o jornal *Diário de Pernambuco*, em que poemas, textos em prosa e resenhas saíam na seção literária do caderno cultural. Arrisquei, então, lhes enviar um poema recém-escrito sobre uma procissão com que me deparara à saída do colégio. Para minha enorme surpresa, duas semanas depois, meu texto, do qual transcrevo alguns versos, estava lá publicado: "Amendoim, pipocas, balas, / Bolas de listas / Contra a palidez / Dos vestidos das senhoras. / Até os leques, os lenços de organdi, / Voando nas mãos das beatas".

Eu tinha 15 anos e cursava o primeiro ano do ensino médio já em outra escola católica onde mais tarde lecionei por dez anos. Enviei a seguir outros textos, mas a proeza jamais se repetiu. Soube depois, através de um jornalista ►

► amigo da família, que a publicação do poema se dera simplesmente porque o editor estivera ausente e não havia outros textos para a referida edição. Apenas uma agradável coincidência, nenhum mérito. Entretanto, esse poema sempre me trouxe a esperança de publicar outros textos e, de alguma forma, tornou-se uma boa lembrança.

Em *Cores do Outono* (2012), incluí uma versão revisada de ‘procição’. No mesmo Diário de Pernambuco, havia um outro espaço menos renomado para a poesia, a coluna Novos Poetas. Num cantinho de página, em meio a assuntos sem qualquer vínculo literário, publiquei o poema ‘pouso’, que cito com a pontuação atual e o uso de minúsculas que adotei tempos depois a partir da leitura de E. E. Cummings:

*leve  
manhã  
em bocejos...  
  
sono, inverno,  
desejos em lâ.  
  
suave preguiça,  
terno abandono.  
  
breve  
ave  
submissa...*

Em São Paulo, circulava o jornal Correio do Sul, onde publiquei ‘Retrospecto’, cujo título nostálgico e o tom dramático, quando eu tinha apenas 17 anos, hoje me parecem anacrônicos: “Do meu caminho / movido a mares e jangadas / eis-me perdido / no duelo das espadas...” De qualquer forma, enxergo nesses versos traços da temática marítima que até hoje perpassa meus escritos.

Na revista literária *Et Cetera*, editada em Minas Gerais, ainda nos anos 1970, saíram, acompanhados de uma ilustração um tanto surreal, mas que muito me agradou na ocasião, dois poemas dos quais cito alguns versos. O

primeiro, ‘Poema das viagens’, me parece de inspiração claramente cecilianista: “Tua imagem morta consome o canto... / Longínquo e velho desengano / é a solidão da cidade... // Tuas imagens soltas de viagens... / Ai! Teus cantos mortos na flor da idade...”; o segundo, ‘A lucidez’, aborda uma temática niilista, cuja profundidade filosófica eu ignorava completamente na ocasião: “Será ilícito / acreditar na espera / de alguma mudança / onde o sonho seja mais / que a esperança de mudar? // Ou será...?”

Ler e escrever já então faziam parte de minha identidade. Eu precisava da literatura. Cursar Letras era o único caminho que eu gostaria de seguir de fato. Na ocasião, meus pais julgaram que eu cometia um erro em optar pelo magistério; felizmente jamais me arrependi. Aos 18 anos, comecei a estudar na UFPE, onde tive professores apaixonados pela literatura como Ariano Suassuna, Evaldo Coutinho, José Rodrigues, Marluce Dantas. Meu objetivo era ensinar literatura brasileira, entretanto, anos depois, peguei um atalho para o ensino de inglês. Na época da faculdade, entre uma e outra aula, rabiscava poemas, alguns dos quais publiquei em jornais de Recife.

No Jornal do Commercio, por exemplo, havia um espaço diário, se não me engano, para poetas contemporâneos, onde foram publicados, entre outros poemas, ‘Extrema-Unção’ (trecho): “Pela benzedeira ganha / crença a garrafada. / A doença se entranha, / que a reza é tomada. // No batente da entrada, / de cócoras um menino, / traz a vista embaçada”.

Lembro, com muita alegria, a publicação de ‘Poema-ensaio’, texto revisitado em *Cores do Outono* sob o título ‘retrato’. Eu ia caminhando pela rua da Saudade para tomar o ônibus de Olinda quando, ao passar por uma banca de revistas, me ocorreu que já há alguns dias eu enviara o poema para a redação de *Cultura e Tempo*. Catei na bolsa umas moedas e comprei o último número da revista. Na fila do ônibus, que se estendia pela calçada mal iluminada, comecei a folhear o exemplar e lá estava o poema do qual

menciono as últimas estrofes: “Mais uma vez no poeta / a ilusão do ensaio! // A fala é quieta / e aprisionada / Às árvores velhas do 13 de Maio. // A cidade lhe cai / perfeita e turva / no anonimato”. Nessa época, saíram também alguns poemas no recém-criado jornal Diário do Comércio, entre os quais, ‘Irremediável’, de que cito a estrofe final: “Quietude / Essa nossa / Transportada nua / De momento a momento / Assim em fuga / Ou em branca volta”.

Eu estudava à tarde e dava aulas de Português de manhã, na Academia Santa Gertrudes. Deixava boa parte de meu salário na Livro 7, uma livraria adorável que existia na rua 7 de Setembro. Praticamente todos os dias eu estava por lá, ora na ida ora na volta da faculdade. Intelectuais e escritores da Geração 65 circulavam entre as estantes repletas de livros a discutir política, literatura, filosofia.

Tarcísio Pereira, proprietário da livraria, falava com um e com outro. Eu os observava fascinada. Podíamos mesmo ler trechos dos livros nos bancos dispersos entre as estantes. Comprei livros nessa época que me serviram anos depois quando fiz o doutorado e cujas editoras por vezes nem mais existiam. A própria Livro 7 fechou as portas em 1998. Jamais em Recife uma outra livraria se tornou um ponto de encontro para artistas, estudantes, professores, filósofos, poetas.

Na faculdade, criamos, no início dos anos 80, o jornal *O Zumbi*, onde publicávamos artigos sobre política, educação, literatura. Vivíamos uma época de contestação face à censura imposta pelo regime militar, e nossos textos eram prioritariamente engajados. Tínhamos então a certeza de poder mudar o país através da palavra. Em *O Zumbi*, saíram poemas como ‘Fim de noite’, cuja versão publicada no livro *Cores do Outono* (2012) é a seguinte: “última cachaça / no botequim da esquina. // a melodia abafada, / o rumor do dia. // tilintam os copos / na toalha cinza. // bêbados, prostitutas, / garrafas vazias. // a madrugada afora // fora gole e pinga”. *O Zumbi* foi um jornal efêmero, com poucos números ►

► e sempre uma pequena edição, que era distribuída entre os alunos do Centro de Artes. Mas vivemos uma experiência singular: discutíamos literatura, recitávamos poemas, debatíamos política e sobretudo éramos jovens e sonhávamos.

Concluído o Curso de Letras em 1982, comecei a dar aulas em cursos de inglês e ingressei no curso de especialização em literatura brasileira na Universidade Católica. Estudei com Janilto Andrade, com quem descobri a prosa deliciosa de Amílcar Dória Matos, Gilvan Lemos, Nélida Piñón, Ignacio de Loyola Brandão, Osman Lins, Márcio Souza. Assisti também a conferências adoráveis com Teresinha de Jesus, que reencontrei anos depois como colega de pós-graduação na UFPB. Aprendi com César Giusti a ler Tzvetan Todorov, Roland Barthes, Gerard Genette, Roman Jakobson, Vladimir Propp, Julien Greimas, Jean Cohen. Foi um período de muita aprendizagem e prazer literário, mas me afastei da poesia para aprender a prosa. Todo o meu tempo era dedicado a dar aulas de inglês e a estudar, nada publiquei e escrevia pouco como se lê no poema 'entressafra':

*rima alguma  
se atreve  
se o vento leve  
vaga.*

*ao redor,  
palavra  
em relva fina,  
rala.*

*onde antes  
fora safra,  
folha infértil,  
rasa.*

*um açor  
revoa a frase,  
terra  
recém-arada.*

*sina de amoras  
em flor  
no terreno  
da lavra.*



Terminado o curso, não apareceram boas ofertas de emprego para ensinar literatura brasileira, então decidi fazer especialização em língua inglesa na UFPE. Embora não houvesse o alento das aulas de literatura, estudei com professores excelentes como Esman de Oliveira, Heloísa Boxwell, Solange Costa, Gomes de Matos e Abuêndia Padilha. Outras oportunidades para lecionar inglês surgiram após o curso e fui caminhando por essa trilha. Talvez porque na infância eu tenha calado tantas vezes, agradou-me então a ideia de falar e ensinar uma língua estrangeira. Mas foi inevitavelmente na poesia que encontrei uma maneira de me rebelar contra o silêncio. De fato, como esclarece H. G. Widdowson, a linguagem poética, feita de ritmos e imagens, guarda um ato de rebeldia contra a linguagem prosaica, mais linear e transparente, a exemplo do discurso oral. O poema 'infância', do livro *Ponto de Fuga* (2019) traduz esse silêncio imposto por uma educação severa:

*muito cedo sabia a menina  
o silêncio pelo avesso.*

*o ruído da chuva na campina  
onde pastava o vendaval...*

*o sussurro do mar sombrio  
sobre recifes e rochedos...*

*o murmúrio dos pássaros  
entre as frutas, no quintal...*

*muito medo tinha a menina  
das palavras desde o berço.*

Nas férias, entre uma e outra aula e nas reuniões escolares, eu escrevia. Muitos desses poemas ficaram para trás, perdidos nos bolsos dos vestidos, entre as páginas dos livros, em meio aos papéis nas gavetas. Por vezes, escrevia e entregava os versos aos colegas; raramente guardava uma cópia. Talvez eu quisesse me desembaraçar da poesia para me dedicar exclusivamente ao ensino de inglês. Entretanto não obtive muito sucesso com essa empreitada.

Só voltei a publicar poesia após vários anos, quando retomei os estudos então na UFPB, primeiro no mestrado e depois no doutorado. Muito aprendi sobre a literatura de língua inglesa com Leticia Niederauer, Michael Smith e Genilda Azerêdo, e sobre teoria e análise do texto poético com Francisco Correia, João Batista B. de Brito e Amador Ribeiro. Participei de seminários e congressos enriquecedores, organizados pelos docentes do CCHLA. Como tarefa da disciplina Literatura e Psicanálise, ministrada por Francisco Correia, escrevi um artigo sobre o poema 'atos falhos', de Sérgio de Castro Pinto. O texto foi parar em suas mãos e finalmente conheci o poeta que já admirava a partir da leitura de *Signo e* ►

- *Imagem em Castro Pinto*, livro de João Batista B. de Brito. Sérgio me falou sobre o **Correio das Artes** e eu então comecei a enviar textos para a redação do jornal. Publiquei vários poemas, alguns dos quais acompanhados de ilustrações perspicazes, que elucidavam a leitura ao traduzir metáforas. O poema 'em alto mar' parece-me um bom exemplo da temática marítima presente nos poemas publicados nessa época:

*no poema, alinhadas  
o vento aos barcos.*

*no traço das linhas,  
o tempo ancorado.*

*teu diálogo de mar  
em silêncio afogado.*

*o adágio do olhar  
na pauta dos meses.*

*os peixes ilhados  
no afago das redes.*

Estimulada pelos professores da pós-graduação, publiquei, em 2006, meu primeiro livro, *Discurso das Águas*, com prefácio de Sérgio de Castro Pinto e comentários de João Batista, Elisalva Madruga Dantas e Genilda Azerêdo. Foi um período em que escrevi bastante e muito aprendi sobre a linguagem da poesia.

De volta a Recife, retomei as aulas de inglês no Colégio de Aplicação da UFPE e, mais uma vez, adiei a escritura e a publicação dos poemas. Mesmo assim, participei de algumas antologias pelo Brasil afora como a *Coletânea Ladjane Bandeira de Poesia* em 2009, na qual saíram cinco poemas, entre os quais 'a tecelã':

*desfio fio por fio  
o manuscrito  
de teu silêncio em linho.*

*teço em palavras  
o pergaminho  
de tua linguagem casta.*

*no tear do tempo,  
alinhavo as linhas  
onde tua voz esgarça.*

Mas desde que me aposentei, tenho finalmente tempo para as frases que ficaram caladas anos a fio. No poema 'O tempo em Zamora', do livro para jovens leitores *O Pássaro das Manhãs* (2014), saboreio sem pressa o dia que passa lentamente:

*Nas colinas  
fartas de marrom,  
manso brota  
o tempo ao léu  
em Zamora.  
Com o gado, pasta  
ao rés do chão,  
brando, no tropel  
das horas.  
Germina ou pausa  
em grão,  
no dia a granel,  
sobre as rochas.*

Certa vez, na faculdade, Ariano Suassuna me disse que aos 20 anos é fácil ser poeta, mas que somente os que escrevem até a velhice têm de fato amor pela poesia. Ainda faço poemas, então há de ser mesmo essa minha sina. Aliás, se passo dias sem escrever, faz "um novembro úmido e chuvoso em minha alma", então, me sento diante do computador e navego palavras para "afastar a melancolia". Como a personagem de Melville em *Moby Dick*, "embarco discreta num navio" e me lanço ao mar. Nas águas dos poemas, arrisco sons e signos, costuro ritmos e sentidos, como revelo em 'corte e cesura', poema que integra a antologia *Metacantos* (2016):

*no avesso  
dos dias,  
sem linha ou molde,  
meu verso desfia.*

*alinhavo  
estrofes  
com pontos em falso,  
de cós e bainha. ✦*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.  
PACHECO, Abilio et al. (Org). *Metacantos*. Marabá: LiteraCidade, 2016.  
PEDROSA, Cida; SIQUEIRA, Elizabeth; JAPIASSU, Janice (Org.). *Coletânea Ladjane Bandeira de Poesia*, v. 3. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2009.  
WIDDOWSON, H. G. *Practical Stylistics*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

#### LIVROS DA AUTORA:

- Discurso das Águas*. João Pessoa: Manufatura, 2006.  
*Cores do Outono*. São Paulo: Scortecchi, 2012.  
*Certa Poesia*. Lisboa: Chiado Editora, 2013.  
*O Pássaro das Manhãs*. Lisboa: Chiado Editora, 2014.  
*Tempo de Estio*. Lisboa: Chiado Editora, 2016.  
*Ponto de Fuga*. Guaratinguetá: Editora Penalux, 2019.

# Memoração

**Everaldo Soares Júnior**  
Especial para o *Correio das Artes*



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SAVIO

**P**ensando bem, se é possível pensar assim, foi a tempos de se perder nas lembranças. Não sei o que aconteceu, aconteceu, o instante se fez, nada de nada, nem pressa ou demora, mais nada. E o mesmo se repetiu.

Alguma franja avermelhada no horizonte do céu com a terra sinalizava que era o anoitecer, hora de descansar o peso do corpo na linha comprida da terra. Abri o saco, passei a mão por dentro catando um resto de comida para enganar o ronco do estômago.

Estirado no chão, olhei para cima. Tudo estrelado, nuvens passando, escuro nenhum, a lua começando a aparecer majestosa.

No meio do moído de dores, um pensamento me subiu à cabeça: o que aconteceu, aconteceu, havia mesmo de parar aqui. Não esqueço, vi a cara de espanto dela escorada na cama, o barulho que ouvira foi da banda da janela batendo e logo a zoada do pulo no chão do terreiro.

Ligeiro, com a pistola na mão, passei pela porta de trás da casa, nem precisou fazer mira, puxei o gatilho, escutei três estampidos e a pólvora sombreou a minha mão direita.

Peguei o saco, enchi com o que pude e saí desatinado pelos matos afora. Agora não necessito de volta, aconteceu, aconteceu, um fiapo de tempo sem sentido mudou o rumo da vida. Fazer o quê?

O que insistia era a lembrança do verde de folhas novas dos seus olhos, o cheiro de jasmim, a respiração ofegante no meu pescoço, a pele macia, arrepiciada e o coração batendo apressado. Beleza, seu corpo amparado nos meus braços.

Vai passar, o que aconteceu, já aconteceu, arrependimento de nada adianta, melhor que fique cada um no seu lugar. ❖

Everaldo Soares Júnior, paraibano de João Pessoa, onde mora, é médico, psicanalista, membro-fundador do traço Freudiano do Recife (PE), articulista da Revista Vereadas.

# Apareceu a Margarida



FOTO: EDSON MATOS

**R**oland Barthes, filósofo dos signos e dos sentimentos. Diz que a vida é feita de pequenos golpes de solidão.

Solidão das perdas. Dos vazios. Das frustrações. Das doenças.

Não estamos conseguindo manter estirada a linha dos compromissos do cotidiano. Aqui e ali a

linha afrouxa. Esgarça. Arrebenta.

Passam os dia. Ajambramo-nos aos descompassos dissonantes.

Pousamos a mão sobre o coração. Sentimos. Pulsar leve. Pulsar afoito. Tributos. Atributos.

Tribulações.

Para frente.

Pique? Pouco. Quase nenhum.

Alegria? Um tiquinho.

Projeto? Buscar. Construir. Resistir.

Em abril deste ano, uma amiga. Queridíssima. Uma irmã. Que João Pessoa amalgamou ao meu peito paraibano. Há vinte e oito anos amalgamou.

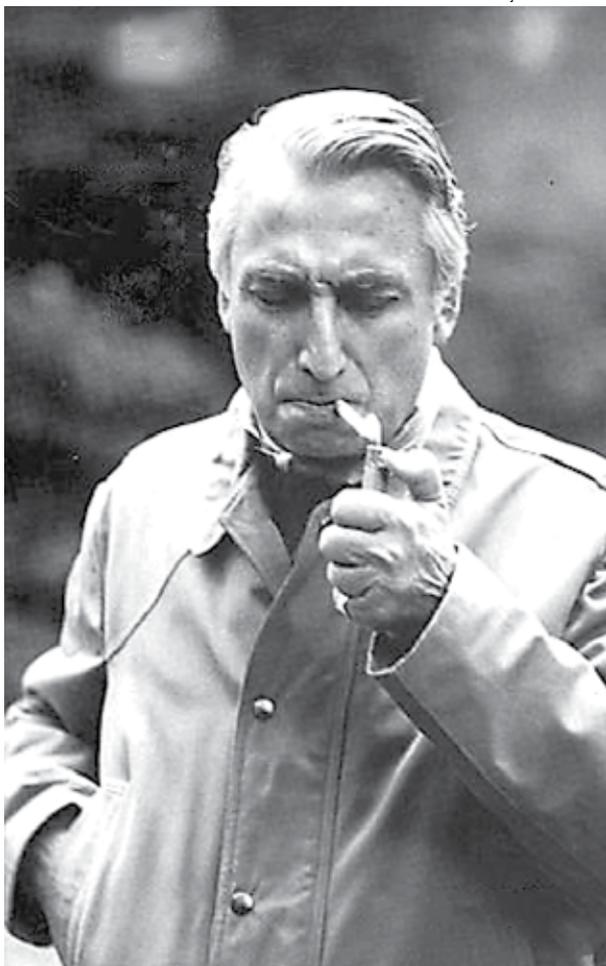
De repente um câncer surgiu no músculo do braço direito. Câncer muscular? Câncer bobo, decretei. Errei. Cinco meses depois. Morta. Grande golpe da solidão.

O olhar vívido. A risada franca e maravilhosamente estrepitosa. A irreverência dos modos tropicalistas. O feminismo despojado. A convivência fraterna com deus e o diabo na terra do sol e do frio. Na rua e na universidade. Desafiando a sisudez dos caretas. Tua alegria de viver e reinventar a alegria fica conosco, Berna, Bernadete, Bernadete Palhano.

A vida é real e de viés, pontua o poeta Caetano. Vivo entre João Pessoa e rio. Por que não posso chorar?

Choro. Pinto. Gravo. Escrevo. ▶

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



*Roland Barthes,  
filósofo dos signos  
e dos sentimentos,  
costumava dizer  
que a vida é feita de  
pequenos golpes de  
solidão*



▶ Enquanto procuro um araçá na fruteira dos dias que ficam. Que restam.

Em março deste ano iniciei a seleção dos melhores poemas de um renomado poeta. A antologia deveria ficar pronta em outubro. Estamos em novembro. A vida é feita de pequenos golpes de solidão. Fui golpeado por ela em setembro de 2018.

Os poemas a serem selecionados. Lindamente lindos. Do mais tocante lirismo. Sempre habitaram meu dia a dia. Invaíram meu sono. Deu tempo de escolhê-los a tempo. O restante do livro ficou pendente. Quem me encomendou o trabalho, entendeu, etc., ponto.

O gosto acre do golpe da solidão persiste. Fica. Fixa. Tinge de bÍlis o dentro e o entorno do coração.

Nesse tempo todo. Como fui esquecer da vida? Como a vida pôde esquecer de mim? Mistérios do tempo, o senhor tão bonito. Quanto fugidio.

Fiquei na geladeira? Meio desligado em *stand by*? Apagado em *off*? Que diferença faz?

Sem saber, fui transformado num capítulo de Machado de Assis. Aquele que você acaba de ler. E que o narrador pede para ser deletado. Rasgado. Esquecido. Capítulo inútil. Passa pra frente. E novamente, deleta. Livro vão. De narrador ranzinza.

Ou um fragmento de Clarice. Qualquer livro. Em que ela esbraveja não se compreender. Estar exaurida de viver. Não entender as coisas divinas. Menos ainda quem é Deus. O ser Deus.

Mas onde é que eu estava mesmo? Ah, sim, na esfera sideral da poesia do grande poeta. Há anos me cubro de constelações na beleza de cada livro seu. Virei até ga-

laxia lírica de alta excelência. Possuído pela magia de fina emoção. Emoção.

Uma vez, há dezesseis anos, nos corredores do CCHLA, o querido amigo Sérgio de Castro Pinto, depois de apoiar carinhosamente a mão em meu ombro, disse-me, com toda a calma que lhe é peculiar: "Amigo, Amador, li seu *Barrocidade*. Você escreve bem, poeta. Mas é preciso botar mais emoção nestes poemas". Fez uma pausa e frisou: "Mais emoção!".

Hoje me lembro de sua observação e rio gostosamente. Na hora, não tive muita reação. Fui pego pela surpresa. Fiquei impactado como o caipira que chega pela primeira vez à rodoviária da capital paulista. Não sabe para onde olhar. Para onde ir. Perplexo. Continua parado. Continua observando.

Não disse sim. Nem não. Confesso que sabia, antes de lançar meu livro, quem estaria à direita e à esquerda dele. Quem me festejaria. Quem me alçaria à força. Mas aquela opinião de Sérgio me pegou de calças curtas (risos). Completamente inesperada à minha bola de cristal cerebral.

Os anos passaram. Dezesseis anos depois estou lançando *Poemail* que, acredito, de certa forma, é uma resposta à orientação afetuosa e certa do poeta e amigo SCP. Não sei se tão bem, e tanto, como ele queria. Mas, a tentativa está feita. (mais risos).

Não que eu tenha reservas ao *Barrocidade*. Longe disso. Longe mim. Nem considero *Poemail* superior a ele, como o prefaciador deste o fez em relação àquele. *Barrocidade* possui uma unicidade de linguagem inovadora, que ainda hoje continua soando como um objeto não identificado no cenário

careta de parte considerável da poesia brasileira contemporânea. Em tempo: Não sou um poeta ególatra, nem falsamente modesto, frise-se.

Ronald Polito, em prefácio esclarecedor e muito bem escrito, valoriza imenso o *Poemail*, pelo que lhe sou muito grato. Traça rotas de leitura, ao mesmo tempo em que lê, com rara sensibilidade, poemas que somente o olhar de um crítico-poeta sensível, competente e despojado, é capaz de fazer.

Mas é do poeta Sérgio de Castro Pinto, o mais expressivo poeta paraibano desde Augusto dos Anjos, que eu falava. E a ele volto.

Fui reler um de meus teóricos favoritos – Paul Valéry. E lá encontrei Sérgio. O rigor aliado à emoção. E como eu não vira isto antes? Pois é: a tal da leitura diretiva. Eu colhia o que me interessava. Quanto ao resto, passava batido. Meus olhos tinham viseira.

Agora, mais velho, mais zen, menos afoito. Aprendi a comer o magro do prato. Delicieux-me melhor com o cajá das teorias e da vida. O mesmo cajá de sempre. O tempo é que está sendo usufruído de outro modo.

Barthes, Lucchesi, Polito e Sérgio têm uma coisa em comum: valem-se da palavra com parcimônia. Lirismo. Lírica social. Tudo muito sublime.

E foi devido aos golpes da vida. Aos breves intervalos de perda e recuperação. Dor e felicidade. Vazio e aconchego. Interrupção e continuidade. Que a coluna *Festas Semióticas*. Como a margarida. Reapareceu.

A vida é feita de lampejos de felicidade. ✦

**Amador Ribeiro Neto** é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

## Carlos Alt

**Inutilidade**

Inúteis os gestos  
aos olhos redimidos

Inúteis os antigos caminhos,  
os bosques ilusórios,  
as fontes que secaram

Inúteis as mãos postas  
que agradecem o pão de cada dia

Inúteis as horas seculares  
que não conseguimos viver

Inúteis os desejos  
das almas alimentadas pelos êxtases

Inúteis os cântaros  
que levamos aos lábios em inúteis desertos

Inúteis as efêmeras ressurreições,  
as pálpebras feridas pela escuridão das noites

Inúteis os gestos  
aos olhos redimidos

Inúteis como a vida  
e seus dias mutilados

**Quebra-cabeça**

Quem compreenderá  
o idioma da poesia?

Quem decifrará suas metáforas,  
suas frases inquietas,  
suas altaneiras melodias?

Estará a poesia ao alcance da mão?  
E a arqueologia de sua voz  
fascinará todos os homens?

Se a poesia é silêncio,  
seus códigos são inúteis,  
como inúteis são seus apelos,  
suas pálpebras  
e seu rosto que nunca se mostra

**Janela**

Passa,  
sob minha janela,  
a indigência dos dias

Homens sem rumo,  
crianças assombradas,  
descrença dos que não voltam,  
cansaço dos que perderam,  
um sol amargurado que nada ilumina,  
pessoas em busca de um rosto

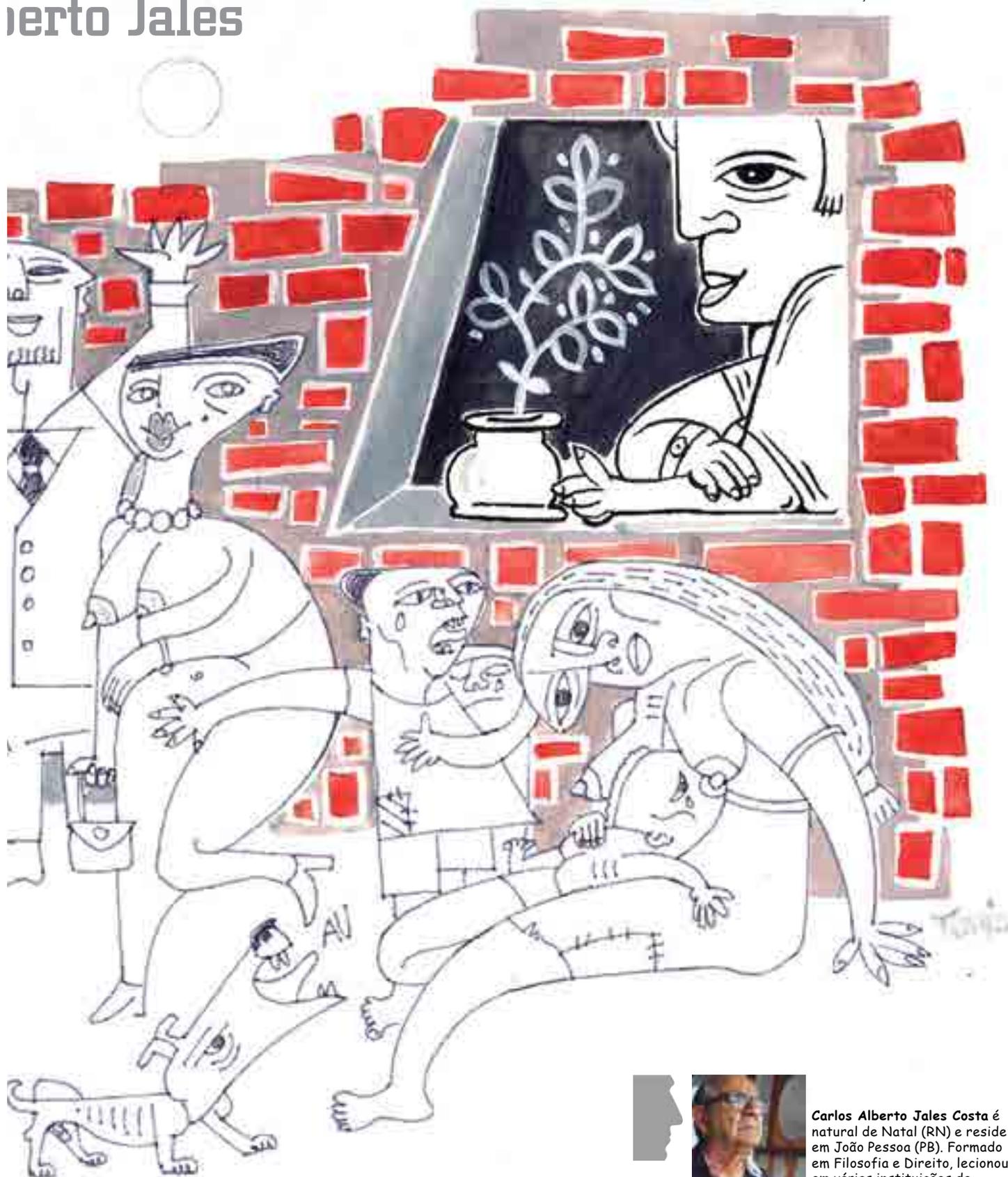
Sob minha janela,  
o desfile do mundo

velhos cansados,  
arrependidas mulheres,  
antigas lendas amedrontadas,  
uma névoa envelhecendo a tarde,  
vozes distintas anunciando a noite

E em tudo o cinza,  
o esquecimento,  
o cansaço das palavras  
para sempre perdidas na memória

## berto Jales

ILUSTRAÇÃO: TONIO



**Carlos Alberto Jales Costa** é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. *Vindimas da solidão* (poesia) é o mais recente.

◊ literatura e arte



# Livro de artista



**Mariana Fernandes**  
Especial para o Correio das Artes



*Em sua recente passagem pelo Brasil, Javier Quintanilla (no destaque) aceitou o desafio de passar seus conhecimentos sobre o livro de artista para duas comunidades do município de Conde*

**T**raços, letras e mistura de cores. De maneira não tão convencional, esses elementos ganham formas quando trabalhados juntos em folhas de papel especiais, contando uma narrativa. O formato é de um livro, mas o aspecto é de uma obra de arte. O chamado “livro de artista” tem ganhado força no Brasil, nos últimos anos.

“É um livro artesanal que é um fenômeno mundial”. A frase é do artista plástico paraibano José Rufino. Ele conta que existem editoras e selos dedicados a publicação específica desse tipo de obra. Além disso, feiras literárias já trazem seções exclusivas de livros de artista. Mas qual seria a definição correta do termo? Lá em 1995, o historiador de arte britânico, Stephen Bury, dizia que estes “são livros ou objetos em forma de livro; sobre os quais, na aparência final, o artista tem um grande controle. O livro é entendido nele mesmo como uma obra de arte. Estes não são livros com reproduções de obras de artistas, ou apenas um texto ilustrado por um artista”.

Pegando essa deixa, Rufino explica que não é o conteúdo que está em jogo. O grande objetivo do livro de artista é a obra em si e

não a leitura das páginas. Para o artista plástico, esse tipo de livro vira uma entidade. “Por exemplo, você pode escrever uma poesia em uma parede, na tela de um computador ou nas páginas de um livro em que a edição não tem nenhum trato estético e, mesmo assim, ela vai funcionar perfeitamente bem, o seu discurso e a intensidade poética estão ali colocados. No ▶

▶ caso do livro de artista, não. Seria, então, um jogo semiótico”.

Rufino já tem dois títulos produzidos nesse formato. O primeiro se chama *Olhoalho* e é sobre sua produção de poesia virtual dos anos 1980. Com uma tiragem de 100 exemplares, o livro apresenta um pequeno texto falando sobre a obra. “É uma coisa de poesia visual que namora um pouco com a poesia concreta que era o que eu fazia entre 1984 e 1987. Cada exemplar está assinado, carimbado e numerado. Tem uma capa feita com serigrafia, num papelão bem diferente. Então é uma publicação bem especial”, explica.

O segundo é uma série de 10 livros de tamanho A5, as mesmas medidas de um cordel. Rufino já produziu o primeiro, intitulado *Mosto*. A ideia foi inspirada no projeto da Associação Sociocultural e Ambiental Jacuípe, em Pernambuco, que o artista faz parte desde 2015. A sede do instituto fica onde antes era a usina Santa Terezinha e que hoje abriga uma usina de arte. Esse primeiro livro, que leva o nome do caldo fermentado da cana, traz uma espécie de resíduos poéticos, de acordo com Rufino. “Esse é um passeio por fragmentos da usina e por canaviais. Algumas imagens são preta e branca e outras coloridas”. *Mosto* também saiu com uma tiragem de 100 exemplares, sendo cada um carimbado e assinado pelo artista. A série ainda está em construção e, em breve, Rufino lançará os livros seguintes.

## DA ESPANHA PARA O CONDE

Artista plástico espanhol, Javier Quintanilla acredita que o objetivo do livro de artista é o mesmo do livro comum que é o de transmitir conhecimento e pensamento, o de comunicar. Ele se dedica a arte desde 1973 e decidiu que o livro seria o suporte, o veículo de sua obra. Para ele, o livro do artista “é um livro que tem um conjunto de ideias, de conceitos, de pensamentos, de desenhos”, define.

Em sua recente passagem pelo Brasil, Javier Quintanilla aceitou o desafio de passar seus conhecimentos sobre o livro de artista

para duas comunidades do município de Conde, na Paraíba. Convidado pelo editor Juca Pontes e a produtora cultural Anastácia Alencar, o espanhol ministrou oficinas no assentamento Sítio Tambaba e no Quilombo Ipiranga, no Gurugi. O projeto é uma contrapartida social da Festa do Livro Internacional da Paraíba (Flit/PB) que acontece neste mês de dezembro, em Jacumã. As oficinas que antecedem o evento têm o objetivo de incentivar a leitura, literatura e a cultura local, agregando valores artísticos para os moradores das comunidades acolhidas pela festa literária.

Numa dessas tardes de quinta-feira, final de setembro, Quintanilla chegou ao assentamento Sítio Tambaba acompanhado pelos idealizadores da Flit Juca e Anastácia, com sacolas cheias de papéis de vários tamanhos e tipos, pinceis, tintas, folhas secas, um arsenal de material de pintura e desenho. Era o primeiro dia de oficina, na primeira comunidade. Para ele, o aspecto fundamental desse trabalho foi, em primeiro lugar, abordar a criatividade das pessoas, o significado dessa palavra e como se obtém. Depois, foi trabalhar no significado artístico, pois a vida é uma arte. “Também abordei a definição de livro, sua evolução e uma certa classificação. Aprender e ensinar. Por último, o objetivo foi tentar criar uma linguagem capaz de transmitir ideias, sentimento e, para isso, utilizamos o livro como suporte”, explana.

No fim de semana seguinte, dias 21 e 22 de setembro, Quintanilla se dedicou ao Quilombo Ipiranga, comunidade localizada no Gurugi, município de Conde. Trabalhar o lúdico não era o único objetivo da oficina. Para o artista espanhol, introduzir o livro artesanal em pequenas comunidades foi como plantar uma semente naqueles locais e esperar que, no futuro, os frutos possam florescer. “Eu me sinto muito satisfeito. Eu disse pra eles, se a oficina era

a abordagem e criatividade, eu consegui. Ver trabalhos tão criativos e a respostas positivas deles é uma injeção de vontade de continuar trabalhando, criando. Faz a gente não querer desistir”.

Em paralelo a esse trabalho dentro da Flit, o artista também aproveitou sua temporada em João Pessoa para produzir uma série de cinco livros de artistas com o tema “Paraíba”. Quintanilla convidou Juca Pontes para também colocar o seu olhar nas obras com versos e poesia. A série fala do mar, das cores da Paraíba, do verde.

Pontes conta que, durante as oficinas, ele começou a captar algumas coisas, escrever sobre o momento. “Eu não tinha ideia que iria construir esse livro com ele. Mas eu tinha em mente preparar algo. Participando das oficinas, sendo contagiado por aquela emoção do momento comecei a pensar no que eu poderia fazer, em uma intervenção. Em uma conversa depois com o Javier, ele me convidou para participar dessa produção da série com ele”.

Os livros estão com o Quintanilla, que terminará a sua parte com pinturas e deixará espaços entre um papel e outro para a intervenção de Juca Pontes. Nesses espaços em branco, o poeta irá preencher com versos a sua leitura sobre as pinturas do espanhol. “Vou colocar todo sentimento, o que eu vejo em cada papel, o que ele está mostrando”. Além dos cinco livros, a série também conta com uma instalação, *Aos Quatro Ventos*, um livro de artista feito com pedaços de vidro, em um formato parecido com um filtro dos sonhos. “Esse vamos criar juntos, quando ele retornar novamente ao Brasil”, completa.

Obra única ou uma produção uma tiragem pequena ou grande, o livro de artista não tem um formato definido e não possui regras a serem seguidas. O produto final vai ser fruto da criatividade do artista, assim como toda obra de arte. ✦

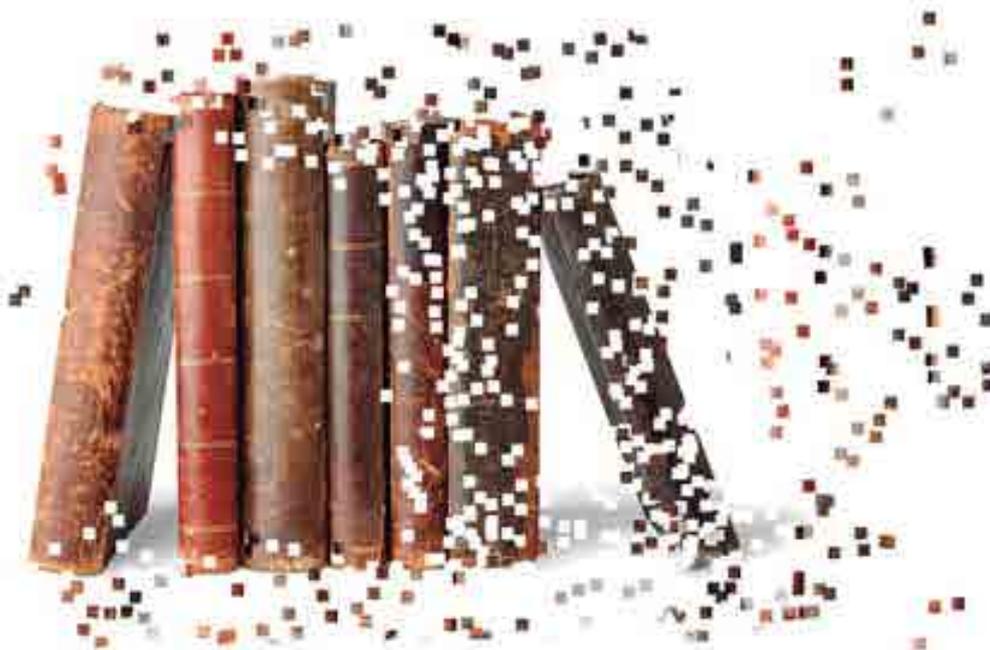
**Mariana Fernandes** é jornalista, formada pela UFPB e mestre em Jornalismo pela Kingston University (Londres). Foi repórter do *Good Housekeeping UK* (Londres), repórter do *Caderno Vida & Arte* do *Jornal da Paraíba* e editora do *Caderno B* do *Jornal Contraponto*. Mora em João Pessoa.



# A vida é curta para você ler este texto

**H**á dez anos, a plataforma de livros do Google tentou calcular o número de obras publicadas em toda a história da humanidade. Com a ajuda de um algoritmo, o site analisou o acervo de bibliotecas, lojas e colecionadores ao redor do mundo, chegando à quantidade aproximada de 130 milhões de títulos. Para se ter uma ideia generosa do que isso representa, se o cérebro humano tivesse a capacidade de processar um livro por minuto, seriam necessárias três vidas (250 anos) para ler todos estes livros. ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



*Há dez anos, o Google tentou calcular o número de obras publicadas em toda a história da humanidade; chegou a aproximadamente 130 milhões de títulos*

► O que me leva ao argumento que mais de uma vez ouvi de que “a vida é curta” para ler este ou aquele livro – um argumento que, a despeito da verdade inconteste que carrega, sempre achei um tanto estúpido; um salvo-conduto para a preguiça e para o preconceito (dois defeitos que, mais do que a virtude da cultura, constituem boa parte da dieta de muita gente esperta que posa de intelectual por aí).

Ora, pensem comigo: sendo a vida realmente curta, sequer faz sentido ler, e aqui não estou falando apenas de um texto medíocre escrito por um jovem cronista em sua coluna num suplemento literário, mas do próprio suplemento literário e da própria literatura, toda ela, a boa e a má, a feita por mim e a feita por Machado de Assis ou Clarice Lispector, por James Joyce ou por Virginia Woolf, por Primo Levi ou pela tia Amelinha... Se você realmente acredita que a vida é curta para ler qualquer livro, qualquer um, não leia livro algum. Faça um filho, plante uma árvore, mas jamais pense em escrever um livro já que não faria o menor sentido. Lembre-se: a vida é curta. E ela não é curta só para você.

Evidentemente, como escritor e, sobretudo, como leitor, eu não acredito em nada disso. O que não significa, também, que eu leia tudo o que me cai nas mãos e que eu não tenha, claro, minhas preferências, minhas preguiças e até meus preconceitos literários. Mas já li sem o menor traço de arrependimento muitos dos livros que, para alguns colegas de ofício, parecem acelerar, a cada página virada, a pequena ampulheta da existência e fazer escorrer a pouca areia de que dispomos em vão.

E por que o faço? Porque, para além do que diz o escritor Jonathan Franzen (para quem a leitura é uma forma de se estar sozinho e, portanto, anular o espaço e conquistar, de forma paradoxal, a companhia de outros solitários nesta grande república de leitores), acredito que a literatura é uma forma de se estar sozinho no tempo – anulando o efeito das horas e, da mesma forma absurdamente reversa, conseguir prolongá-la de maneira a estar em outro tempo (o do eterno – este



**A literatura é uma forma de se estar sozinho no tempo – anulando o efeito das horas e, da mesma forma, conseguir prolongá-la de maneira a estar em outro tempo.**

res), acredito que a literatura é uma forma de se estar sozinho no tempo – anulando o efeito das horas e, da mesma forma absurdamente reversa, conseguir prolongá-la de maneira a estar em outro tempo (o do eterno – este

onde repousa o tempo da ficção, que sempre vai além do nosso passado, presente e futuro).

É o único tempo onde é suportável um escritor viver, e aqui me dou à liberdade de citar também Javier Marías num outro texto de que gosto muito, onde ele lista sete razões para *não* escrever romances e apenas uma para continuar a escrevê-los: viver nos livros, esta que é a única razão pela qual devemos tentar lê-los todos a despeito de todas as razões em favor apenas de alguns.

É uma utopia, óbvio, mas por que estamos produzindo ou consumindo literatura se não somos capazes de acreditar em utopias? Ironicamente, foi de um escritor de fantasia (que leio e respeito muito, por sinal) que ouvi uma das vezes que a vida é, sim, curta demais, e que por isso ele se reserva ao direito de só ler obras que dialoguem com o seu próprio trabalho. Era uma bravata ao realismo, eu sei, mas ainda assim achei uma pena. O avesso por vezes oferece um diálogo muito mais proveitoso com os nossos interesses como leitores ou escritores, oferecendo (mesmo que por contraste) respostas às nossas dúvidas, fortalecendo (ou, nas raras e melhores vezes, abalando) nossas convicções.

Há mais razões plausíveis para se ler Dostoiévski do que se querer aprender uma forma de assassinar velhinhas (ainda que só na ficção), e há ótimas razões (por que não?) para se preferir ligar o Netflix e assistir a uma série criminal em vez de encarar suas quase seiscentas páginas... Mas nenhuma razão – repito: nenhuma – se deve ao fato de que a vida é curta.

A arte é um desafio à morte e uma aposta na vida. Se a vida fosse longa demais, jamais haveria arte e, pode apostar: ainda assim reclamaríamos que nos faltaria tempo para outras coisas... ❖

Tiago Germano é escritor, autor do romance “A Mulher Faminta” (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas “Demônios Domésticos” (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa.

# Escadaria de pedra

**Denise Emmer**

Especial para o *Correio das Artes*

**S**em pressa, ela caminhava nas alamedas estreitas. Eu a seguia com o meu andar miúdo de menina. Dois ramos de flores amarelas e tufos de ciprestes nas mãos. Ela levava muitos galhos floridos dentro de uma sacola de pano rústico. Alguns jornais ve-

lhos e uma garrafa de água. Seguíamos, por vezes, lado a lado, quando eu conseguia alcançá-la. Pronunciava frases espaçadas em sua peregrinação penitente e resignada. Convicta de que essa era a única coisa a fazer. Para encontrar seu filho, nada mais lhe advinha à mente. Embalar o anjo. Tentar ouvir a sua risada infantil através da lápide fria.

Então, eu lhe perguntava. “Mamãe, falta muito para chegarmos?” Ela me olhava de cima de seu corpo esguio. Espanava o pó das pedras. Inspirava o ar das almas que ventava sobre nós. “Faltam dois anos e meio”, dizia. E eu abaixava os olhos em obediência e prosseguia na sombra de sua saia escura. Seus cabelos escuros. Sua blusa escura. Seus sapatos anoitecidos.

Passávamos por mausoléus de reis antigos. Estátuas de cabeça de leões sobre torres. Cristos esmaecidos. Retratos de jovens emoldurados com saudades eternas, cujos olhos mortos nos seguiam, como a suplicarem manhãs. ▶



ILUSTRAÇÃO: ALVARO ALVES DE FARIA

► Um tempo da minha existência, reservaria para acompanhá-la, por certo. Para estar com ela. Pois, se ela desaparecesse numa noite de labirintos, o que seria de mim? Talvez entrasse num sumidouro e submergisse no fundo do nunca. Eu não poderia perdê-la. Deixar que prosseguisse nas páginas do seu longo caminho, sem mim. Se eu a perdesse, estaria só no mundo. Então, eu implorava para que não fugisse para os longes, para os cinemas, para dentro dos carros, para as madrugadas com meu pai, para o seu trabalho secreto de inventora de lendas.

Quando ela se cansava ou sentia o calor dos verões, puxava a Lua para baixo e abria um guarda-chuva com a noite. Abraçava-me junto ao seu corpo macio, para que nós duas coubéssemos naquela pequena sala estrelada. Eu a observava com o amor fiel de um cão, enquanto ela persistia em sua jornada através das escadas escarpadas por onde corriam lagartos assustados. Meu irmão estaria em alguma pedra a esperar-nos. Era o que presentíamos. Pensávamos ouvir a sua fala pueril advinda das nuvens que se abriam em ruas. Pensávamos. Os seus cabelos de pôr do sol caindo-lhe à testa, enquanto ele saltitaria sobre os brinquedos espalhados no berço frio de granito.

Era um domingo de verão. Ele tossia, tossia, tossia, cada vez mais e mais, até engasgar-se com o próprio pulmão de papel chinês, que se desfez em água e parou o seu miúdo coração. Transformou-se em um menino de pedra. O nariz a apontar para o céu, a delicada boca lacrada, o corpo rígido a vestir uma roupa de parque. Os sapatinhos sem meia a calçarem seus pés enrijecidos. Colocaram-no num barco branco para que navegasse no caminho das ondas da interminável noite. Assim partiu. E minha mãe começou a arremeter o seu crânio contra as paredes de nossa casa. Somente parou de tentar estourar sua cabeça contra a vida quando assumiu a decisão de partir. Partir ao en-

contro de meu pequeno irmão. E eu, menina, fui com ela para não morrer de amor. Morrer por ficar sem ela e perder-me de mim.

Por vezes, ela ouvia uma frase vinda da escuridão, enquanto galgávamos as escadas cada vez mais alcantiladas. Por vezes, suspeitava de vultos de casacos a nos seguir. Por vezes, era uma claridade de santo nas curvas. Outras, um engasgo de pássaro preso aos tijolos.

Um dia, já cansadas e com sede, sentamos sobre um jazigo florido. Ela destampou a garrafa d'água, tomou um pouco e me deu o restante. Dei alguns goles e lhe ofereci o que ainda sobrou. Ela recusou. Retirou da sacola rústica uma maçã. Comeu a casca e me deu a polpa. Puxou uma árvore e me deu a sombra. Abriu a noite e me deu as estrelas. "Seja feliz, minha filha." Assim me falou enquanto olhava o firmamento empoeirado de luzes cintilantes. Quando o céu nos cobria com sua intensidade mágica, ela buscava o meu irmão por entre as constelações emolduradas no espaço.

Certa vez, em seu colo, ao apontar para o céu, ele, menino, lhe disse: "Mamãe, eu vou lá. Eu vou..." Ela correu com ele nos braços por muitos dias e o escondeu por trás da cortina de seu quarto a vigiar seu voo. Guardou-o num cofre e o protegeu das pragas. Das aves turvas que rondavam os telhados. Fechou as janelas e as portas com uma chave maciça e a guardou em uma bolsa. Apesar de todos os cuidados, após uma semana do seu presságio infantil, ele se foi. E minha mãe desapareceu dentro de sua dor. Aquela que seria a pior de todas, quando um filho morre antes de cumprir o seu tempo.

Nós duas prosseguíamos em nossa jornada sem nos importarmos com as intempéries. Com as valas que se abriam. Com as mãos azuis que nos suplicavam. As portas que rangiam ou as fendas que rachavam sob nosso caminhar. Seu rosto estava cavado e com uma marca de noite. Não havia mais maçãs para comer. Nem água, nem ar, nem sol, nem corrimões, nem degraus, nem sapatos. Estávamos ao vento como folhas desnorreadas. E as lápides e as alamedas ficavam para trás, junto aos planos do mundano. Éramos, pois, duas pálidas mulheres de brisa.

Nenhuma âncora a prendia à vida. Eu tinha medo. Por vezes, um calafrio entrava em meu corpo e meu coração acelerava enquanto as mãos tremiam como bambuzal na ventania.

E num instante de não sei quando, ela sorriu e abriu os braços magros para abraçar o nada. Uma revoada de anjos a encantou como se fora um arco-íris saído do mistério. Ela procurou o meu irmão com sua roupa de parque, dentre o bando de anjos. Eram muitos e suas asas eram brancas e longas. Eu meti-me debaixo de sua saia e a deixei livre para sonhar o intangível. Ele poderia estar em todas as súplicas e rasantes. Em todos os momentos do futuro, ou na alma cansada de minha mãe.

E para aliviar a sua dor e ofertar suas flores à noite.

Restava-lhe encontrar a velada beleza da morte. ◀

---

**Denise Emmer** é poeta e musicista (violoncelo), autora de dezoito livros, dos quais quinze de poesia e três romances. Sua mais recente coletânea poética, *Discursos para desertos*, foi publicada, este ano, pela Escrituras Editora. Ganhou importantes prêmios literários, tais como Prêmio ABL de Poesia (Academia Brasileira de Letras) e Prêmio Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). Participou de antologias da poesia brasileira, bem como das revistas *Califórnia* (College of the at Eleven Eleven (EUA), *Newspaper Surreal Poets* (EUA) e *Metin Cengiz* (Turquia). Compositora, com vários CDs gravados, também integra, como violoncelista, orquestras e grupos de câmara.

## Lá vai Cora

A Ana Lins Guimarães Peixoto

Bem cedo abro a janela  
A névoa úmida e branca  
Desenha um sonho antigo.

Um pássaro com o peito argiloso (pastel e palha na cor)  
Ombreia uma senhora  
E deita o canto  
Sonoro e sorridente na manhã de Goiás Velho.

O meu olho, terno, olho insone  
Bebe a alma doída e doída da poesia  
A prosa andarilha  
Se arrastando entre becos  
Nos sobrados de cal, nas vielas  
Portais de todas as antiguidades.

Minha janela  
De fartas lembranças  
Memória frondosa de jequitibá  
E voz de silêncio vário  
É abrigo de todos os presságios.

De minha janela  
Emolduro senhorinha distante  
Lá longe  
Com os cabelos de neve  
Equilibrando-se nas pedras secas  
Pontudas pedras  
Cercas de pedra, galerias de pedra  
Forte estrada real de ouro, suores de mulas, o estalar dos chicotes  
O gemido dos negros.

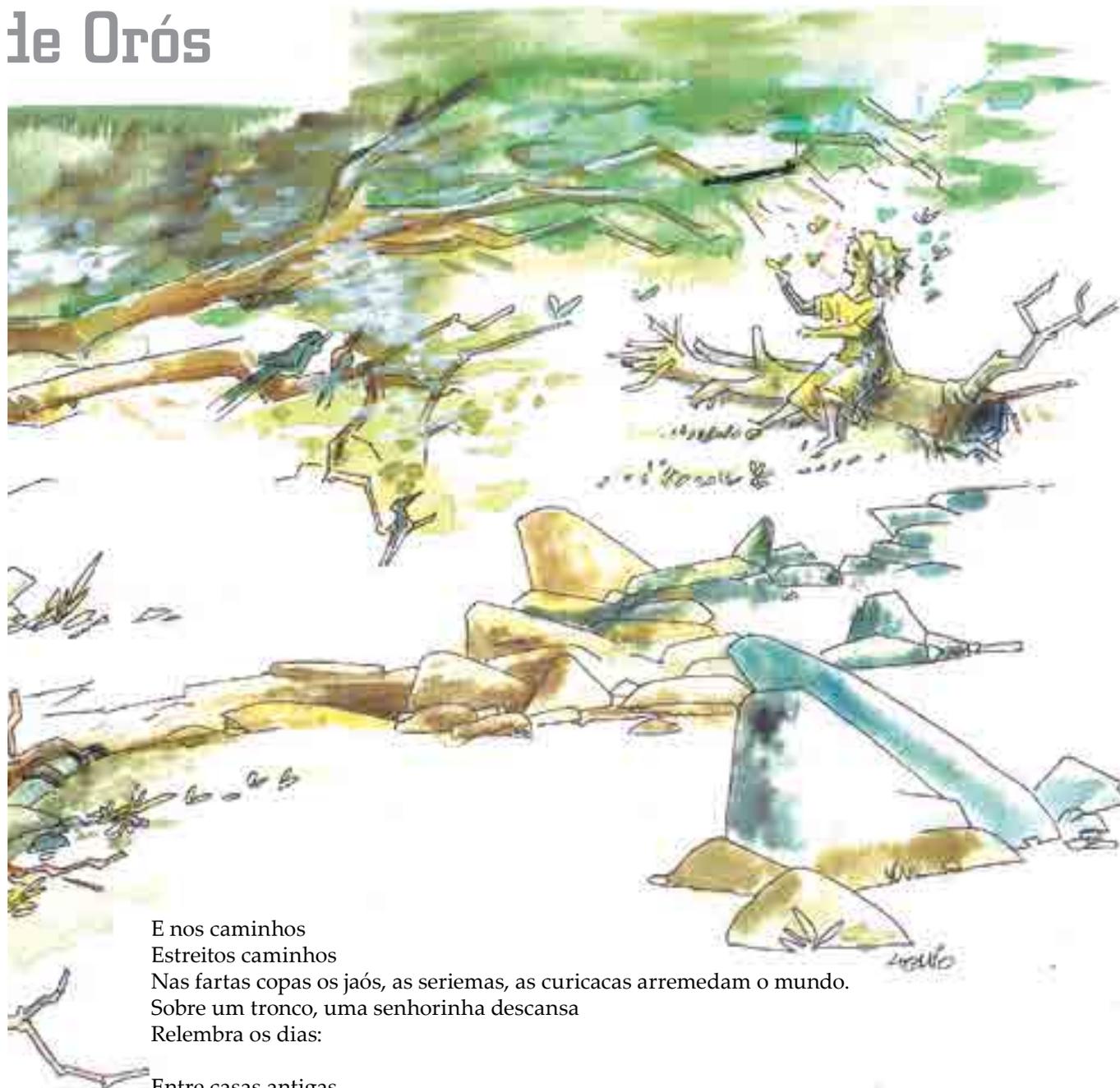
Falando com pássaros, a poesia da alma  
Com borboletas nos ombros  
E os raios do sol como música  
Saindo das mãos...

Lá vai Cora (como folha dançando ao vento)  
Ela segue devagar, Coralina divagando  
Sobre pedras passo a passo  
O tempo pétreo, eterno tempo.

Sob pequizeiros frondosos  
Desce a senhorinha  
Ela vai sozinha  
Sozinha e com o mundo.



## de Orós



E nos caminhos  
Estreitos caminhos  
Nas fartas copas os jaós, as seriemas, as curicacas arremedam o mundo.  
Sobre um tronco, uma senhorinha descansa  
Relembra os dias:

Entre casas antigas  
Entre becos estreitos

As passadas pacientes, as pedras lisas  
Lambidas pegadas e as paisagens mudas no final da tarde.

A tarde se despede  
Os grilos 'criquillam' e raspam as patas da noite  
E a poesia guarda os silêncios  
Os sussurros e todo alimento da alma.



**Josafá de Orós** é escritor e artista plástico. Nasceu em Orós (CE), em 1965. Veio para a Paraíba nos anos 70, e mora em Campina Grande, onde desenvolve ações nos campos da cultura e das artes. É sociólogo formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Já participou de de mostras coletivas e individuais no Brasil, Cuba, França, Portugal e Espanha, entre outros países. Tem publicado em diversas coletâneas em nível nacional. Sua mais recente participação em antologia foi no livro *Homenagem ao centenário de nascimento do escritor Jorge Amado*. Em 2017 obteve o título de Embaixador da Palavra do Museo de la Palabra, de Madrid, Espanha.

# O filho dos outros



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



**U**m senhor entrou com o filho deficiente mental numa padaria. O menino engrolava a língua e apontava para tudo quanto era gôndola, como se estivesse excitado com as fotos nas embalagens – com o mel que escorria dos pacotes de biscoitos, com as vacas que se derramavam das caixas de leite. Dois adolescentes, numa mesa lanchando, começaram a rir do menino. Tentavam, cobrindo a boca com a borda da camisa, mas não conseguiam controlar os risos. Um deles ria tanto que batia com o bico do tênis no pé da mesa, quase virando-a. O outro largou os livros no chão num de seus abalos de corpo inteiro. O senhor, ouvindo o baque dos livros no piso, notou o riso dos adolescentes. E segurou firme no braço do filho, passou-lhe a mão nos cabelos e o trouxe para perto do ombro, como que o abrigando da zombaria. Os adolescentes não conseguiam se conter, e um já até se dirigia para o caixa para ver se refreava a euforia. O senhor aí deixou escapar uma lágrima, mas não quis expor o choro, nem para o filho

nem para os adolescentes, que agora já iam deixando a padaria, um empurrando o outro, sempre aos risos. O senhor se curvou para (e não estava precisando) alcançar uma caixa de aveia. Se curvou para ocultar o rosto molhado. Porque não pensava no agora do filho, com ele, pai, ali bem perto. Pensava no futuro do menino, depois que já estivesse morto – quem iria acolher o seu Rafael? Quem iria, acomodando-o em palavras que abrandam, repousam, fazer apagar a tinta suja do riso alheio? Quem iria imunizar a sua criança contra o mundo? ❖

**Rinaldo de Fernandes**  
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

# Socorro Lira

## e os cantos para não se calar

Linaldo Guedes  
linaldo.guedes@gmail.com

Maria Firmina dos Reis nasceu na Ilha de São Luís, no Maranhão, em 11 de março de 1825. Foi registrada como filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis. Em 1859, publicou o romance *Úrsula* considerado o primeiro romance de uma autora do Brasil. Em 1887, publicou na Revista Maranhense o conto *A Escrava*, no qual descreve uma participante ativa da causa abolicionista. Morreu, cega e pobre, aos 95 anos, na casa de uma ex-escrava, Mariazinha, mãe de um dos seus filhos de criação. Mas antes de morrer lançou algumas obras, entre elas *Cantos à Beira-Mar*, em 1871. É esse legado de Maria Firmina dos Reis que é resgatado agora pela cantora e compositora paraibana Socorro Lira.

Socorro Lira lançou *Cantos à Beira-Mar*, 12º álbum de sua carreira, com dez composições sobre poemas da escritora e poeta maranhense. A ideia de fazer essa homenagem, segundo Socorro, aconteceu em um encontro por ocasião dos 100 anos de morte da Maria Firmina. “Maria Valéria Rezende (escritora) perguntou se eu musicaria alguns poemas para cantar no *Mulherio das Letras*, em outubro de 2017, em João Pessoa, quando e onde a autora foi homenageada. Ou mulherageada (risos). Quando fiz as primeiras quatro canções e publiquei o EP *Seu Nome* naquele ano, vimos que era bom e que poderíamos seguir musicando outras autoras igualmente esquecidas ou silenciadas”, explica.

Com isso, conta, Maria Valéria Rezende enviou os primeiros poemas de Firmina. Socorro buscou mais alguns na internet e selecionou quatro, dentre os disponíveis naquele momento. “Depois, ganhei os livros *Úrsula* e *Cantos à Beira-Mar*, do Rafael Balseiro Zin, pesquisador apaixonado da vida e obra de Firmina, que me ampliaram as possibilidades”. Socorro, primeiro musicou “Ela”, “Seu nome”, “Uma tarde em Cumã” e a última estrofe do poema “O meu desejo” e lançou nas plataformas digitais o EP *Seu Nome* ainda para o *Mulherio* em 2017, com arranjos de Jorge Ribbas para violão. “Foi aí que tivemos a ideia de fazer um projeto mais amplo que Valéria batizou de ‘AvivaVOZ’. A escritora Susana Ventura chegou junto e aprofundou a pesquisa. Juntas, levantamos cerca de 40 nomes, dos quais selecionei dez para musicar. Firmina é o primeiro ciclo”, detalha.

Num trabalho dessa dimensão, natural que surjam dificuldades. “Já nem falo de custos na produção de um CD, já me acostumei a bancar meus trabalhos, se preciso. Com este foi igual. O que é mais desafiador é torná-lo conhecido. Assim como aconteceu com Firmina, cuja obra ficou um século totalmente esquecida, pode ser que não se fale desse disco como ▶

▶ deveria. Faltam meios para divulgação”, observa.

Socorro Lira não se cansa de destacar a importância de Maria Firmina para a literatura brasileira. “Ela foi ‘somente’ a primeira romancista brasileira, tendo lançado *Úrsula* antes de qualquer outra mulher. Esse livro de temática abolicionista - sendo Firmina mulher negra, filha de mãe forra - antecede a publicação do poema *Navio Negroiro*, de Castro Alves, em dez anos! Como educadora, criou a primeira (até onde se sabe) escola mista, no Brasil. Foi ignorada pela elite literária da época, formada, principalmente, por homens brancos e ricos e, mesmo assim, escreveu e publicou, o que foi uma sorte, para estarmos hoje aqui falando a seu respeito. Foi uma romântica e escreveu poemas marcados por iniciativa quando o assunto é amor, paixão, êxtase, romance e silenciamento em uma sociedade escravocrata, repressora e reprimida. Se ela fez tanto, tendo publicado dois livros, contos e poemas avulsos naquele tempo, o que explica o seu apagamento da História, senão o machismo e a misoginia que persistem até nossos dias?!” , indaga.

A artista Socorro Lira costuma fazer trabalhos temáticos. Tem discos sobre o samba do Rei do Baião, sobre Zé do Norte e também sobre a Amazônia. Mas como surge a definição sobre esses trabalhos temáticos? “Uma hora me dei conta de que não me basta juntar canções e gravar. É bom ter um motivo, um norte, contar uma história. O *Samba do Rei do Baião*, que divido com Oswaldinho do Acordeon, e *Lua Bonita* são discos bem queridos - esse último me rendeu o Prêmio da Música Brasileira em 2012. São discos de repertório não autorais. O *Amazônia* é metade autorais. Percebo que há quem goste de me ver mais intérprete do que compositora. Talvez pelos mesmos motivos que fazem a escrita, música, a pintura, as pesquisas científicas das mulheres serem menos apreciadas e, muitas vezes, relegadas como se fossem de segunda categoria. Às vezes penso sobre isso”, comenta.

Também uma artista auto-

ral com nome já consolidado na MPB, Socorro Lira afirma que nesses trabalhos costuma levar todas as referências que pode reunir. “Desde minha mãe cantando, ao que chegava pelo rádio e ao que pude estudar como autodidata. O que mais me interessa hoje é saber que música é minha forma de estar e me comunicar nesse mundo. Logo, de mexer na nossa maneira de viver, se possível”, enfatiza.

Pergunto como ela se descobriu artista e quando decidiu encarar a música e a literatura como vocações que não podia ignorar. Ela responde, enfática: “Como poeta, você deve saber bem disso. A inclinação a gente tem, mas como materializar os sentimentos e pensamentos, as impressões? E mesmo ‘escolher’ um caminho na vida? Como em qualquer área, a vida vai propondo. A gente topa ou não. Talvez...”.

Esse “talvez” ajudou Socorro Lira a sair de Brejo do Cruz e encarar o mundo com sua arte. Provavelmente, se em Brejo do Cruz houvesse as mesmas oportunidades que há em outros lugares, teria ficado por lá. “A gente sai para ver se acha sentido. Mais do que trabalho e ‘vencer na vida’, para mim era outro sentido que eu queria. Saí por inconformismo. Hoje torço para que ninguém precise mais sair do seu lugar. A diáspora é exigente”, completa.

Socorro Lira é também poeta, e de qualidade. E ela tem uma frase bem original para definir essa vocação: “É preciso fazer certo esforço para não ser poeta, sendo do Sertão e do Nordeste, né? Não faz muito tempo que as crianças brincavam dizendo quadrinhas: ‘Lua, luinha, me dê pão com farinha pra mim dar à minha gatinha que tá presa da cozinha’. Tadinha da gata”, ri. Até o momento, ela publicou três livros de poesia e um conto infantil.

Artista e engajada com os movimentos, como o *Mulherio das Letras* e outros que movem a cena contemporânea, antes de ser artista diz que foi militante de movimentos sociais. “Antes de ser artista, somos cidadãs, cidadãos. O engajamento político para mim é orgânico, natu-

ral. Claro que eu preferiria viver num mundo onde as buscas pudessem ir além da sobrevivência, da defesa de direitos, por exemplo. Sou feminista por necessidade de sê-lo. Como não ser a meu favor?! Queria não precisar lutar para que menos da metade na humanidade (formada de homens) considere a outra metade (de mulheres). Queria poder relaxar, sabe? Infelizmente, estamos nesse ponto ainda”, lamenta.

E não é fácil ser engajado no momento de recrudescimento dos direitos sociais, político e culturais que vive o Brasil. “Esse milênio inaugura uma nova era (de Aquário) e um chamado à expansão da consciência sobre o que e quem somos. Rose Marie Muraro falava da Revolução da Consciência. Vejo a garota Greta Thunberg ensinando à velharia, em assembleia da ONU, e me encho de alegria. Podemos estar na matrix e não ser da matrix. Esse filme de terror que estamos vendo não é real e acabará quando a gente despertar. Isso que ascendeu ao poder no Brasil é a escuridão resistindo à luz. Entretanto, até a treva passar, precisamos defender quem se encontra mais vulnerável nas aldeias, nas comunidades, nas favelas, dentro de casa; e mesmo a natureza de quem somos, parte e totalmente dependentes. Precisamos da floresta, de água, do solo, do ar”, acrescenta.

Sobre projetos futuros, diz que *Chama* já está gravado e será lançado em 2020. Integra um projeto tríplice, o *Chamamentos*: um livro de Roberto Tranan, uma exposição de Elifas Andreato e o seu álbum. “É possível que aconteça outro CD do projeto *AvivaVOZ* em 2020 também. Torcendo pela aprovação em edital. E sairá um livro, dessa vez um romance, ainda este ano”. Por ora, é isso, sim. Mas sabemos que Socorro Lira sempre nos brindará com obras necessárias e imprescindíveis. ✦

Linaldo Guedes é jornalista e poeta.

Publicou 11 livros, sendo quatro de poemas. É repórter do Correio das Artes e mestre em Ciências da Religião.

# Um romance da modernidade à brasileira

**Adelto Gonçalves**  
Especial para o *Correio das Artes*

**P**ara se conhecer a alma do Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX, é fundamental ler a obra de Machado de Assis (1839-1908). Mas, com certeza, daqui a um século, para se conhecer a alma de Brasília, imprescindível será conhecer a obra do escritor João Almino (1950), que acaba de dar à luz *Entre Facas, Algodão* (Rio de Janeiro, Editora Record, 2018), o seu sétimo romance que tem a nova Capital Federal como um de seus cenários.

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



*O romance 'Entre Facas, Algodão', de João Almino (foto), tem Brasília como um de seus cenários, expondo toda sua vulgaridade e os sonhos e frustrações de seus moradores*

Com quase 60 anos de existência, Brasília precisava de um romancista que a explicasse, expondo sua vulgaridade e os sonhos e frustrações de seus moradores. E João Almino assumiu-se como seu intérprete, construindo um painel romanesco contemporâneo que colocou a Capital do País no mapa da prosa literária brasileira, como bem observou o romancista, contista e ensaísta Cristóvão Tezza na apresentação que escreveu para este livro.

Escrito em forma de diário, este romance conta as vicissitudes da vida de um advogado, de 70 anos que, vivendo em Taguatinga, região administrativa do Distrito Federal, onde fez a sua vida, separa-se da mulher e decide reencontrar as suas raízes, retornando a uma pequena fazenda nas proximidades de Mossoró, no Rio Grande do Norte, onde passara a infância.

Decidido a plantar algodão e viver dessa atividade, o retorno ao passado carrega também uma frustração – uma história de amor mal resolvida e simbolizada por um fio de cabelo guardado há muitos anos numa caixa de fósforo – e um sentimento de vingança, já que, quando menino, soubera que aquele que então supunha ser seu pai havia sido assassinado. Volta, então, com a intenção de acertar contas e honrar o nome do pai. ▶

▶ Naquela pequena fazenda do Riacho Negro, localizada no imaginário pequeno município de Várzea Pacífica, no interior do Ceará, o idoso fora o filho da empregada criado junto com os filhos do patrão da casa grande. E vivera um reprimido amor adolescente pela filha do fazendeiro. Nessa volta às origens, o advogado chega, porém, à conclusão que o fazendeiro não teria sido apenas o seu padrinho, mas, provavelmente, o seu próprio pai, que teria mandado matar o marido de sua mãe, quem se acreditava que fosse o seu genitor.



A exemplo de seus seis romances anteriores, *Entre Facas, Algodão* mostra-se também uma obra em andamento (“work in progress”), com final em aberto, sem conclusão, que deixa a cargo do leitor imaginar o que poderia ter sido – e o que não foi, para se arremedar aqui uma máxima poética de Manuel Bandeira (1886-1968). Aliás, essa observação é assinada no pequeno ensaio à guisa de posfácio escrito pelo ensaísta alemão Hans Ulrich Gumbrecht, professor de Literatura Comparada que desde 1989 ocupa a cadeira Albert Guérard de Literatura na Universidade de Stanford, na Califórnia, Estados Unidos, para quem este livro é a obra-prima de João Almino até agora.

De fato, como diz, segue os passos de outros grandes romances da literatura universal, como *Ulysses*, de James Joyce (1882-1941), *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust (1871-1922), *O Homem Sem Qualidades*, de Robert Musil (1880-1941), e *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa (1908-1967), que evocam e reconstituem, “na forma da ficção, mundos específicos em seus lugares físicos e específicos”.

Ou como o próprio autor procurou explicar: “Tentei fugir ao estereótipo de uma viagem de regresso na memória, minha ideia não foi de que houvesse um regresso ao passado, porque acho que a viagem é apenas de ida, ela vai apresentando novas surpresas ao personagem e não existe o regresso ao passado”.

É preciso lembrar, ainda, que a exemplo de seu romance anterior, este é também extremamente datado, ou seja, daqui a cem anos quem o vier a ler, saberá que se trata de um enredo passado na segunda década do século XXI, pois o “diálogo de surdos” que se acompanha ocorre através do e-mail, do WhatsApp e do Facebook, meios de comunicação que, provavelmente, daqui a dez anos já terão sido substituídos por outros mais avançados, ainda que o País venha a continuar imerso no analfabetismo funcional das massas, na violência urbana, na falta de saneamento básico e na miséria social de Norte a Sul entre as grandes e as pequenas cidades, essa estranha modernidade à brasileira.

Escrito num estilo memorialístico que faz lembrar o de Machado de Assis e, ao mesmo tempo, enxuto, de frases diretas, sem enxúndias literárias, que recorda o de Graciliano Ramos (1892-1953), este romance de “secura e esperança teimosa”, como o próprio autor o definiu, faz pensar em quão emaranhados e complexos são os sentimentos humanos que tornam extremamente tênue a linha divisória entre o amor e o ódio.



Nascido em Mossoró, João Almino (1950), diplomata, é embaixador do Brasil no Equador desde outubro de 2018. Doutorado em Paris, sob a orientação do filósofo e historiador da Filosofia Claude Lefort (1924-2010), foi professor na Universidade Nacional Autónoma do México (Unam), Universidade Nacional de Brasília (UnB), no Instituto Rio Branco e nas universidades de Berkeley, Stanford e Chicago, nos Estados Unidos. É membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 2017.

Como romancista, é hoje reconhecido pela crítica como um dos nomes mais importantes da Literatura Brasileira. Seu romance *Ideias Para Onde Passar o Fim*

*do Mundo* (1987) foi indicado ao Prêmio Jabuti e ganhou o Prêmio do Instituto Nacional do Livro (INL) e o Prêmio Candango de Literatura, enquanto *As Cinco Estações do Amor* (2001) conquistou o Prêmio Casa de las Américas de 2003. Já *O Livro das Emoções* (2008) foi indicado ao 7º Prêmio Portugal Telecom e finalista do 6º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de 2009.

Outro romance, *Cidade Livre* (2010), foi vencedor do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de 2011 de melhor romance publicado no Brasil entre 2009 e 2011 e finalista do Prêmio Jabuti e do Prêmio Portugal Telecom de 2011, enquanto *Enigmas da Primavera* (2015) foi semifinalista do Prêmio Oceanos e finalista do Prêmio Rio de Literatura de 2016 e do Prêmio São Paulo de Literatura de 2016, segundo colocado, de livro brasileiro publicado no exterior, pela tradução para o inglês. É autor também do romance *Samba-Enredo* (1994). Alguns de seus romances foram publicados na Argentina, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, México e em outros países.

Seus escritos de história e filosofia política são referência para os estudiosos do autoritarismo e da democracia. Entre estes, incluem-se *Os Democratas Autoritários* (1980), *A Idade do Presente* (1985), *Era Uma Vez Uma Constituinte* (1985) e *O Segredo e a Informação* (1986). É também autor de *Naturezas Mortas – A Filosofia Política do Ecologismo* (2004), de *Brasil-EUA: Balanço Poético* (1996), *Escrita em Contraponto* (2008), *O Diabrete Angélico e o Pavão: Enredo e Amor Possíveis em Brás Cubas* (2009), *500 Anos de Utopia* (2017) e *Dois Ensaios Sobre Utopia* (2017). Publicou, ainda, *Literatura Brasileira e Portuguesa Ano 2000*, organizado com o professor Arnaldo Saraiva, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000), e *Rio Branco, a América do Sul e modernização do Brasil*, organizado com Carlos Henrique Cardim (2002). ✦

---

**Adelto Gonçalves** é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e tem livros publicados no Brasil e em Portugal. É autor, entre outros, de 'Gonzaga, Um Poeta do Iluminismo' (1999), 'Barcelona Brasileira' (2002), 'Bocage - O Perfil Perdido' (2003) e 'Os Vira-Latas da Madrugada' (1981).

# Papai CORAGEM



**O** *Filho Eterno* (20 ed. Rio/SP: Record, 2017), de Cristovão Tezza, é um romance que recebeu diversos prêmios literários, dentre eles o Jabuti de 2008. O título chama atenção pela sugestão de foco na história de um filho, quando, na verdade, a ótica do narrador amplia a objetiva para enaltecer a história de um pai, de um “eu” profundamente afetado por duas vivências simultâneas: a sua atividade de escritor e o nascimento e crescimento de um filho com Síndrome de Down.

O pai é um personagem caracterizado por uma profunda angústia existencial, decorrente de uma severa autocrítica frente ao seu projeto literário e a seus sentimentos relativos ao filho. É um personagem desnudado pelo narrador de forma escancarada e bastante corajosa nas questões que o desafiam para o enfrentamento de um problema que, para a sociedade da época, ainda se apresentava com algum pudor. O uso do termo “mongolismo”, à época, justifica, de certa maneira, o que representava lidar com as pessoas com a síndrome.

Em *O Filho Eterno*, é possível observar uma estrutura romanesca, cujo narrador se apresenta como máscara do autor, numa concepção já considerada clássica nos estudos da teoria da narrativa. O que se apresenta como estratégia

literária de suma importância é a configuração dada ao foco narrativo, uma vez que o romance conta a história de vida do autor, conforme dados biográficos apresentados em entrevistas e artigos, mas pelo foco de um narrador em terceira pessoa, criando, assim, um jogo narrativo que tem em seu cerne o movimento de mostrar e esconder um “eu” em sua experiência de vida factual, que inclui o seu processo de produção literária e a existência de um filho com Down.

É matéria narrativa nesse romance, por exemplo, a apresentação do processo criativo do personagem/autor de, pelo menos, dois de seus romances: *Ensaio da Paixão* – “Começou há pouco a escrever outro romance, *Ensaio da Paixão*, em que – ele imagina – passará a limpo sua vida” (p. 16); e *Trapo* – “Autista, debruça-se sobre o novo romance que escreve já há alguns meses, *Trapo*, indiferente ao mundo, enquanto não consegue publicar o anterior” (p. 115).

Ao configurar um personagem desvelado pelo seu narrador de papel, Tezza constrói um percurso reflexivo em que os sentimentos mais obscuros de seu personagem são encarados de forma direta e impiedosa, uma vez que traz para o centro do seu racionalismo o sentimento de vergonha como o “grande motor” de sua angústia: *A família do velho Kennedy escondeu do mundo, a vida inteira, um filho retardado. Havia muita coisa em jogo, é verdade – mas o grande motor era a vergonha* (p. 45). A literatura representa, portanto, o único território livre (p. 29) em que o personagem desse romance pode revelar seu mundo e se revelar ▶

O pai é um personagem caracterizado por uma profunda angústia existencial, decorrente de uma severa autocrítica frente ao seu projeto literário e a seus sentimentos relativos ao filho.

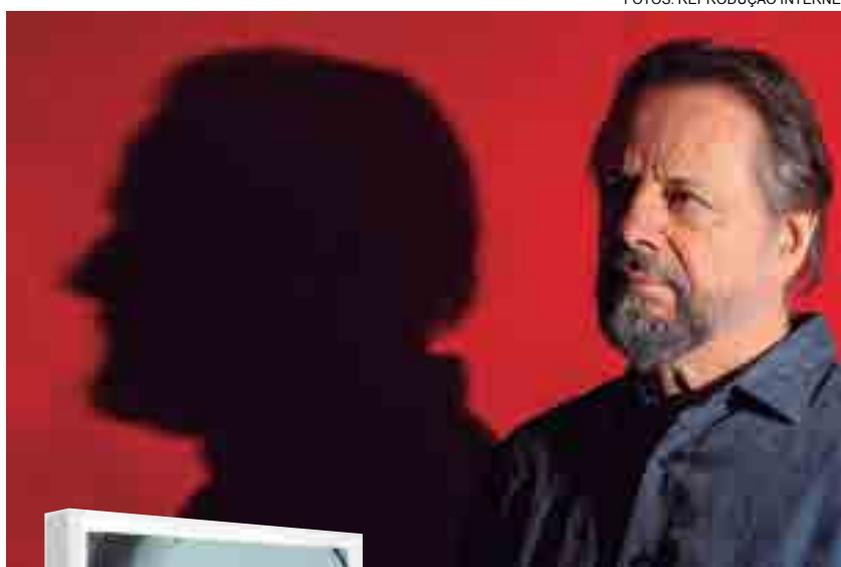
▶ no mundo: o que chegava à pele, o que queimava, era o sentimento insuportável de alguma coisa errada. E alguma coisa errada não com o filho, mas com ele mesmo (p. 45).

O tempo narrativo constitui um ponto interessante a se destacar, já que se apresenta como um jogo temporal (o tempo narrado que se revela com as ações em seu tempo verbal presente, sendo que o personagem se encontra no passado, no momento em que se filho nasceu, estendendo-se até os vinte e cinco anos; e o tempo da narração que se dá em um passado, considerando que o filho nasceu, cresceu e se tornou “adulto”) que auxilia na construção do jogo estabelecido pelo narrador como máscara do autor.

Narrador e tempo narrativo são configurados, nesse romance, como forças motrizes construídas de forma imbricada para realização de um projeto estético que tem como tarefa discorrer sobre dois temas interessantíssimos: o que é e o que não é normal aos olhos da sociedade; e o sentimento de vergonha decorrente dessa reflexão.

Nesse sentido, interessa-me menos o que se apresenta como possibilidade de experiência factual do que as estratégias literárias criadas para contar essa história. Assim, prefiro ver nesse romance o que Diana Klinger chama de “escrita de si”<sup>1</sup>, referenciando Foucault que “mostra de que forma a escrita de si não é apenas um registro do eu, mas – desde a Antiguidade clássica até hoje, passando pelo cristianismo da Idade Média – constitui o próprio sujeito, performa a noção de indivíduo”.

É essa maneira como o sujeito performa a noção de indivíduo que parece estar na base da estruturação da voz narrativa em terceira pessoa no romance de Tezza, ou seja, embora o romance provoque no leitor um link com a veracidade das ações que



*Tezza e a capa da edição mais recente de 'Filho Eterno': título chama atenção pela sugestão de foco na história de um filho, quando, na verdade, a ótica do narrador amplia a objetiva para enaltecer a história de um pai*

representa, o que importa é que se configura como ficção, cuja matéria primordial (a representação social do que, em nossa cultura, reconhecemos como papel de pai) se relaciona de forma dialética com a estrutura narrativa, que tem, na figura do narrador, imenso significado estético. É dessa relação que se pode depreender aquilo que Antonio Candido chama de “estruturação formal do extraliterário”: a

composição de um ponto de vista narrativo em terceira pessoa, portanto, distanciado, mas que se aproxima da matéria narrada pela onisciência desenvolvida em toda a narrativa, para contar uma história que se mostra como sendo do outro (porque é em terceira pessoa) para levantar reflexões bastante pessoais sobre “vergonha” e “normalidades”.

O narrador é máscara do autor na medida em que este se utiliza daquele para contar uma história que é deste; contar sua própria história como sendo do outro pode ser aqui interpretado como uma forma elegida pelo autor para representar um aspecto que é individual, mas não meramente pessoal, ou seja, restrito a sua pessoa. Assim sendo, colocar a sua experiência pessoal e individual na voz de “outrem” se apresenta como estratégia literária em que o sujeito “performa a noção de indivíduo”.

Nessa noção de indivíduo, nosso personagem se sente desafiado na sua relação com o filho, o que incorre em tal angústia, aqui observada como um mote para reflexões ricas em suas complexidades sobre temas bastante delicados, como o sentimento da vergonha, consequência do que se compreende, para os padrões estabelecidos socialmente, como “anormal”. ▶

<sup>1</sup> KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. 3 ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

▶ As reflexões empreendidas pelo personagem pai se inserem em seu objetivo maior de desconstruir ideias representativas de paternidade tão fortemente arraigadas socialmente. Uma espécie de “papai coragem”, em lembrança à canção de Torquato Neto, especialmente ao verso “ser mãe (neste caso, pai) é desdobrar fibra por fibra os corações dos filhos”, como imagem que representa um personagem extremamente afetado (pelo afeto genuíno) com o nascimento de um filho diferente e/ou incomum e, por isso, sente-se *inepto*, pois sempre que tem de sair de si mesmo para alguma coisa fora dele, envolve-se num interminável filme mental em que ele não sabe se é o diretor ou o protagonista, ou, quem sabe, um marionete surdo (p. 171).

O sentimento de vergonha do pai, ao fim e ao cabo, decorre desse sentimento de ineptidão frente ao desafio que o destino lhe impõe. Vejamos um trecho do livro: *A vergonha regula do catador de lixo ao presidente da República. É uma chave poderosa da vida cotidiana: esses políticos deviam é ter vergonha na cara!*, nós dizemos todos os dias, o que é um mantra que nos redime e nos tranquiliza. Como se fosse a mesma coisa, agora ele sentia vergonha, embora a palavra, por algum mistério, não lhe aflorasse, o som da palavra em simplicidade, como se alguma coisa tão absurdamente simples, vergonha, não pudesse fazer parte de sua vida (só os medíocres sentem vergonha, ele recitava) [...] (p. 45).

Trata-se, portanto, de um personagem que rouba a cena do filho, estabelecida no título do romance, para problematizar sua identidade de pai, servindo-nos, até aos leitores mais desavisados, como função comunicativa que, na experiência estética, é mediada pela catarse, uma vez que, ao passo que a obra revela um “eu” individual e intransferível, também nos revelamos na empatia com esse “eu”.

Tal identidade se mostra, na verdade, como parte de um

processo de construção de uma identificação, haja vista que estamos diante de um personagem que, frente aos desafios impostos em sua vida, vê-se no movimento de desconstruir um conceito de “normalidade”, cristalizado socialmente, para construir-se, identitariamente, de forma diferente. E tudo isso é provocado por suas angústias, decorrentes de sua atividade de escritor, de ativista político etc., e por suas reflexões, que têm na filosofia, sobretudo na figura de Nietzsche, fortes referências, como por exemplo, na seguinte passagem: *Ao cruzar o pátio dos milagres do Hospital das Clínicas, aquela pobreza suja, estropiada, cristã, os molambentos em fila[...] ele pensa em Nietzsche e no horror da misericórdia, a humilhação como valor, a humildade como causa, a miséria como grandeza. Pois o seu filho, confirmada a tragédia, nem mesmo a esse ponto (ele olha em torno) chegará, porque não terá cérebro suficiente para inventar um deus que o ampare e não terá linguagem para pedir um favor. O que o ampara agora, no vaivém desses dias medonhos, é a perspectiva justamente da cardiopatia do seu filho, que acabará logo com o pesadelo, ele sonha, e mais uma vez se antevê recebendo abraços e condolências sentidas. Pensa vagamente na imagem de um filme inglês, um enterro sob uma árvore, num fim de tarde melancólico, todos de preto. Mas não haverá serviço religioso. Uma cerimônia limpa e tranquila. Um recomeço: o mundo começa com um suspiro de alívio. O desejo estúpido de morte não o deixa—há um esforço de derrotá-lo (primeiro a miragem de um engano genético, que faria desse nascimento só um pequeno trote do destino), depois a vergonha do próprio sentimento, a estupidez de sua frieza oculta—ele não consegue ocultá-lo; em lapsos, esse desejo volta irresistível, e é como um sonho* (p. 57).

É essa identidade em construção que nos salta aos olhos e nos arrebatava na experiência leitora desse romance. Afinal, o que significa a um pai preferir assistir à morte de seu filho

com Down a encarar a sua crise existencial já estabelecida numa certa zona de conforto, repleta de insignificância? Ou ainda, num sentido diferente, mas não contrário, que julgamento podemos fazer desse desejo de morte expressado por um pai que, ao resignificar seus conceitos sobre o que é normal, enfrentando suas vergonhas, opta exatamente pela sua (re)construção como pessoa paterna? O que dizer de um pai que se mostra frio e estúpido frente a uma outra vida que, apesar de precária, é humana e é seu filho, e, por isso, depende e dependerá para sempre desse pai, quando tais atitudes, um tanto paradoxalmente, só servem para auxiliá-lo na construção de uma nova identidade paterna, a partir, exatamente, da relação de amor que vai consolidando com seu filho ao longo de suas vidas?

Essa dimensão humana, rica em sua essência, apresenta-se dessa maneira graças à configuração dos recursos narrativos, dentre os quais destaco o narrador, como aquela figura que encara, pelos preceitos do modo de narrar bastante moderno, a sua matéria literária, fazendo a vez de mediador entre o autor e os personagens, ou mesmo de um “ser auxiliar” no projeto de autor. Daí a possibilidade de algum(a) leitor(a) (eu por exemplo) se sentir envolto(a) por uma aura ao mesmo tempo racional e afetiva, podendo, por meio desse romance, revisar seus parâmetros e reconstruir, junto com o personagem, uma identidade de figura paterna/materna imensamente afetiva, inclusive mais generosa consigo mesmo(a). ✦

**Analice Pereira** é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).



## THAYRONI ARRUDA

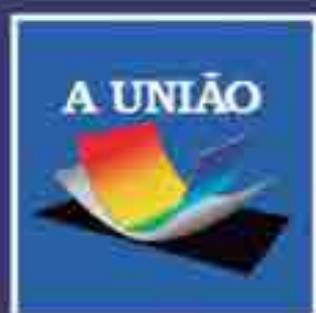
A tela em acrílica e spray sobre madeira de demolição que você vê nesta página se chama 'Freyre' e foi pintada pelo artista paraibano Thayroni Arruda. "Freyre" foi criada para a exposição individual "BREVE", que aconteceu em setembro de 2019 na Usina Cultural Energisa, em João Pessoa", conta o artista. "Pintada em madeira de demolição, a obra faz uma dura crítica a política educacional que o Brasil vive", acrescenta, o que justifica o título, que faz referência ao educador Paulo Freire (1921-1997).

Nascido em Campina Grande em 1980, Thayroni Arruda é artista visual e está radicado atualmente em João Pessoa. Mas antes de chegar à capital paraibana, ele descobriu a cultura urbana em Recife, ainda garoto, e acabou se destacando como um dos pioneiros da Street Art na Rainha da Borborema, onde obteve o título de mestre em Ciências Sociais, pela UFCG.

Entre projetos sociais e acadêmicos, estreitou laços entre a arte urbana e sua formação acadêmica, abordando graffiti, resistência e situações sociais na cidade de Campina Grande. Em 2015, ingressou no Programa de Doutorado em Antropologia Social da Universidad Nacional de San Martín, em Buenos Aires na Argentina. Em 2016, tem o projeto Arte a la calle : identidades juveniles em Buenos Aires aprovado pelo Centro Cultural Recoleta - CCR, e começa a pesquisar sobre Arte Urbana em Buenos Aires.

Já participou de vários encontros de arte urbana, onde pôde produzir e executar seus trabalhos em várias cidades do Brasil e da Argentina. Sua primeira exposição individual aconteceu em 2014, no Hall de exposições da Energisa Paraíba, logo em seguida foi convidado a participar da coletiva "Ora bolas", em julho de 2014 no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco - MAC, em Olinda. Atualmente trabalha no Centro Estadual de Arte - CEARTE, em João Pessoa.





126  
Anos

## Fazendo história desde 1893

*O jornal A União está diariamente com o leitor que gosta de estar bem informado sobre as principais notícias da Paraíba, do Brasil e do Mundo. São matérias diárias sobre economia, esportes, cultura e entrevistas com a credibilidade de um jornal com 126 anos de história*

### **Fale com A UNIÃO**

**Reserve seu anúncio (83) 3218.6544**  
comercialauniaopb@yahoo.com.br  
publicajornaluniao@gmail.com

**Peça o seu orçamento (83) 3218.6525**  
orcamento.auniao@gmail.com

**Sugestão de pauta? (83) 3218.6539**  
uniaogovpb@gmail.com

**Diário Oficial (83) 3218.6533**  
wdesdiario@gmail.com

**Faça a sua assinatura (83) 3218.6518**  
circulacaoauniaopb@gmail.com

**Publicidade Legal (83) 3218.6526**  
comercialauniaopb@yahoo.com.br



EMPRESA PARAIBANA  
DE COMUNICAÇÃO



# Faça parte do Sesc!



## Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

## Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

## Conveniada

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

## Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

informações: [www.sescpb.com.br](http://www.sescpb.com.br) | (83) 3208.3162